

Gildete Rocha Xavier

***Aquisição do Português Brasileiro por um
falante chinês***

UNICAMP

Instituto de Estudos da Linguagem

1999

99 12004

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	
	37842
	229/99
	0 <input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	10/06/99
N.º	

CM-00123969-2

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

X19a

Xavier, Gildete Rocha

Aquisição do português brasileiro por um falante chinês / Gildete Rocha Xavier. - - Campinas, SP: [s.n.], 1999.

Orientador: Mary Aizawa Kato

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Aquisição de linguagem. 2. Aquisição da segunda língua. 3. Gramática gerativa. 4. Princípios e parâmetros (linguística). I. Kato, Mary Aizawa. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Gildete Rocha Xavier

***Aquisição do Português Brasileiro por um
falante chinês***

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientador: Prof^a Dr^a Mary Aizawa Kato

UNICAMP

Instituto de Estudos da Linguagem

1999

Banca Examinadora

Profª Drª Mary A. Kato

Prof. Dr. Jürgen M. Meisel

Profª Drª Charlotte C. Galves

Profª Drª Helena Brito

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por GILDETE ROCHA XAVIER.

e aprovada pela Comissão Julgadora em
10/10/2019.

Profª Drª MARY AIZAWA KATO.

Aos meus pais,
João de Lucioz Rocha e Almira Rosa Rocha.

Ao meu marido,
Uziel Souza Xavier (in memoriam).

Aos meus filhos,
Vinicius, Fernanda e Luciana.

DEDICO.

Agradecimentos

À Professora Dr^a. Mary Aizawa Kato, minha orientadora, pela dedicação e disponibilidade que sempre demonstrou e pela confiança que depositou em mim.

Às Professoras Dr^{as}. Maria Cecília Perroni e Ester Mirian Scarpa por terem contribuído na minha formação acadêmica e pelas críticas, comentários e sugestões na qualificação desse trabalho.

Às Professoras Dr^{as} Maria Luiza Braga, Charlotte C. Galves e ao Professor Dr. Sírio Possenti por terem contribuído na minha formação acadêmica durante o mestrado.

À Professora Dr^a Ilza Ribeiro pelo apoio e incentivo para que eu fizesse esse mestrado.

Ao Professor Dr. Jürgen M. Meisel pela valiosa contribuição no que se refere aos estudos de aquisição de segunda língua.

A Johnny, sujeito dessa pesquisa, que contribuiu para que eu pudesse desvendar alguns aspectos gramaticais da língua chinesa.

Às colegas de curso, Hely Dutra Cabral, Nelmira Moreira da Silva, Dilzete da Silva Mota, Gilcélia Santana Pires, Irenilza Oliveira e Oliveira, Girlene Lima Portela pelo incentivo, sugestões e ajuda na busca de textos, e pelos momentos compartilhados. Em especial, agradeço a minha colega de curso e amiga Maria da Conceição Fonseca Silva, não só pela ajuda, sugestões, discussões, mas também pela leitura minuciosa

deste trabalho, e, principalmente, pelo apoio moral, estímulo e incentivo constantes para que eu pudesse concretizar essa dissertação.

Aos meus filhos, Vinicius, Fernanda e Luciana, pelo apoio, paciência, compreensão, e por terem aprendido a viver com a ausência.

Aos meus familiares, pelo incentivo e por terem acreditado em mim.

A minha irmã Rilde pelo apoio e cuidado com os meus filhos, durante o tempo que passei na Unicamp.

À CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos de Linguagem, UNICAMP.

Ao Departamento de Letras e Artes da UEFS.

Sumário

1	Introdução	10
1.1	O Sujeito da investigação	14
1.2	Os dados	16
2	Aquisição de Primeira e Segunda Línguas	18
2.1	Aquisição de Primeira Língua	18
2.2	Aquisição de Segunda Língua	25
2.3	A posição assumida nesta dissertação	38
3	Parâmetro do Sujeito Nulo	41
3.1	O Sujeito Nulo em Línguas Orientais	48
3.1.1	O Chinês	48
3.1.2	Línguas com apenas uma pessoa gramatical	56
3.2	Sujeito Nulo no Português Brasileiro (PB)	57
3.3	Comparação do Sujeito Nulo do Chinês com o PB	64
4	Análise dos dados	66
4.1	Análise e desenvolvimento dos padrões na produção de Johnny	66
4.1.1	Construções com sujeitos pronominais lexicais e nulos	66
4.1.1.1	Sujeitos referenciais	67
4.1.1.2	Sujeitos não-referenciais	78
4.1.2	Padrões de respostas <i>sim/não</i>	81
5	Discussão dos Dados	97
5.1	O papel de L2 no processo de aquisição de L3 em Johnny	97
5.2	O papel da GU e da L1 na aquisição de Johnny	99

5.3 Do chinês para o PB	105
5.3.1 Da concordância unipessoal para a concordância bipessoal	107
5.4 Considerações finais	113
6 Abstract	116
7 Referências Bibliográficas	118
8 Índice remissivo	124

Resumo

Este trabalho analisa os estágios iniciais de aquisição do português brasileiro como segunda língua, por um adulto falante do chinês que teve o inglês como segunda língua. O fenômeno sintático adotado para a realização desse estudo foi o Parâmetro do Sujeito Nulo. Procurou-se responder as questões: *Há algum tipo de interferência do inglês para a aquisição do PB no que se refere ao parâmetro pro-drop? Existe transferência do chinês para o PB? Ou seja, o estado inicial de aquisição do PB, como L2, por Johnny deve ser considerado como o estado final de sua L1? Ou a GU seria o estado inicial para a aquisição do PB?* Supondo que sujeito nulo define pelo menos dois subtipos de línguas, o que tem o sujeito identificado pela concordância e o que o identifica pelo tópico, levantou-se a hipótese de que, inicialmente, o sujeito dessa pesquisa vai apresentar sujeito nulo com concordância unipessoal, como no chinês, e, só posteriormente, com base nos dados do *input*, vai remarcar o parâmetro para o *pro-drop* do português brasileiro, a partir da aquisição da concordância dessa língua. A análise dos dados mostra uma primeira fase em que o nulo aparece apenas como sujeito de verbo de terceira pessoa não-marcada, com referência de primeira, segunda ou terceira pessoa, e uma segunda fase que evidencia a presença do sujeito nulo para verbo marcado em primeira pessoa. Verificou-se que Johnny não está tomando como base, para a aquisição do PB, o parâmetro do inglês já que essa língua não permite sujeitos nulos. Quanto à segunda questão, concluiu-se que não se pode decidir se o aprendiz está utilizando a GU como opção “default”, ou sua L1, o chinês, já que se assumiu que o *pro-drop* do chinês é o próprio “default”.

Palavras Chaves

- 1- Aquisição de Segunda Língua
- 2- Princípios e Parâmetros
- 3- Sujeito Nulo
- 4- Concordância

1 Introdução

A teoria gerativista, principalmente a partir da abordagem de princípios e parâmetros (Chomsky, 1981), tem sido instrumento de análise relevante para explicar a aquisição da linguagem tanto no que se refere à aquisição de primeira língua quanto à aquisição de segunda língua. Trata-se de uma teoria inatista que pressupõe que a criança quando nasce já traz um “conhecimento prévio” geneticamente codificado. Esse conhecimento inato da linguagem é referido como Gramática Universal (GU), ou “estado inicial”. De acordo com essa teoria, a GU compreende um conjunto de princípios inatos universais, invariáveis, aos quais estão associados parâmetros, definidos como uma espécie de “comutadores lingüísticos” cujo valor final <+> ou <-> só é atingido durante o processo de aquisição através da sua fixação numa das posições possíveis, com base no *input* que a criança recebe da sua comunidade (Chomsky, 1981,1986).

Desta forma, para a construção da gramática de uma dada língua, a criança faz uso dos princípios universais e dos dados de sua experiência lingüística, o que lhe permitirá decidir qual valor atribuir a um determinado parâmetro. Veja, a esse respeito, o que diz Raposo (1992:55):

“Quando todos os parâmetros estão ligados num desses valores, a criança já tem adquirido um sistema complexo de conexões entre os princípios universais rígidos e os parâmetros, o qual determina de um modo altamente específico as propriedades de cada língua particular. A aquisição é assim completamente identificada com o crescimento e a maturação da Gramática Universal, que passa de um estado apenas parcialmente

especificado (com parâmetros por fixar) a um estado completamente especificado (com os parâmetros fixados)”.

Num estado inicial de aquisição da linguagem, haveria duas possibilidades para a posição de um parâmetro encontrar-se ligado: numa **posição neutra** que independe das duas posições possíveis em que um parâmetro pode ser fixado. *“Neste caso, a criança tem de decidir, a partir de sua experiência lingüística, se a fixação é feita em <+> ou em <->, ou seja, num determinado momento, o parâmetro é “ligado” num destes dois valores a partir de uma posição previamente neutra”*(Raposo, 1992:57); numa **posição não-marcada**, ou seja, com um valor primitivo não-marcado, <+> ou <->. Nesse caso o processo de aquisição se inicia com o parâmetro fixado em um desses dois valores, mesmo antes de a criança ter sido exposta aos dados da língua a ser adquirida. (cf. Raposo, 1992:58):

“Se a língua à qual a criança é exposta tiver para esse parâmetro valor idêntico ao da ligação inicial, a criança não procede a nenhuma alteração; se pelo contrário, a língua aprendida tem o valor oposto para o parâmetro, a criança terá de mudar o valor inicial com base nas expressões que ouve”.

De acordo com a Teoria de Princípios e Parâmetros, portanto, os parâmetros são fixados com base na língua a que a criança está exposta. Na primeira possibilidade do estado inicial exposta acima, a saber, de que o parâmetro se encontra em posição neutra, podemos supor o seguinte: se línguas como o espanhol e o italiano que permitem a ausência de sujeitos na sua estrutura superficial têm sido referidas como Línguas de Sujeito Nulo (ou línguas *+pro-drop*), uma criança que estiver exposta a uma destas línguas, marcará o parâmetro para essa língua, tomando como base apenas informação positiva (construções sem sujeito fonético); se, por outro lado, línguas como o inglês e o francês exigem a presença de

sujeito foneticamente realizado e são tidas como línguas não-*pro-drop*, uma criança que estiver exposta a uma dessas línguas marcará o parâmetro para essa língua, usando como evidência positiva, para essa marcação, por exemplo a existência de expletivos lexicais do tipo *there* e *it*.

Na segunda possibilidade, ou seja, quando o parâmetro se encontra numa posição não-marcada no estado inicial da aquisição, supondo que a criança inicia o processo de aquisição com o valor do parâmetro do sujeito nulo fixado na posição não-*pro-drop*, teremos o seguinte: Se a criança cresce numa comunidade em que se fala italiano (língua de sujeito nulo), ela terá acesso a evidências positivas que contradizem a fixação original do parâmetro. Com base nessas evidências, a criança muda o valor inicial do parâmetro para a posição *pro-drop*. Se, no entanto, a criança cresce numa comunidade onde se fala inglês (língua que não permite sujeito nulo), ela não precisa alterar o valor inicial do parâmetro, já que no seu ambiente lingüístico não existem dados positivos que a forcem a uma mudança do valor previamente fixado.

Partindo do pressuposto de que as línguas variam com relação ao valor atribuído a determinado parâmetro, e de que a criança, ao aprender sua língua nativa, marca o valor do parâmetro de acordo com a língua a que está exposta, como se comporta um adulto ao aprender uma segunda língua (L2), uma vez que ele já marcou o valor do parâmetro para sua primeira língua (L1), no caso em que sua língua nativa e a língua a ser adquirida apresentem valores diferentes para um mesmo parâmetro?

Para responder a essa questão, de um lado, vários estudos partem do pressuposto de que a aquisição de segunda língua é semelhante à aquisição de primeira língua, ou seja, que a GU é acessível ao adulto

aprendiz de L2 (White 1985, Flynn, 1987, Cyrino, 1986). Uma justificativa para esse ponto de vista é, por exemplo, o fato de se constatar que os erros cometidos por aprendizes de segunda língua são, na sua maioria, comparáveis aos erros cometidos na aquisição de primeira língua (Dulay, Burt & Krashen, 1982), o que significa dizer que esses erros não são compatíveis com a estrutura da gramática da língua que está sendo adquirida, mas que estão previstos na GU. Outros estudos, por outro lado, argumentam que há diferenças na aquisição de L1 e L2, considerando, entre outras coisas, que a aquisição de L2 se dá através da transferência¹ dos valores paramétricos da L1 para a L2 (Vainikka and Young-Scholten, 1996, Schwartz and Sprouse, 1996, entre outros).

Para delimitar o objeto de estudo dentre os vários níveis de análise que poderiam ser abordados para explicar o processo de aquisição de L2, optei pelo fenômeno sintático, referido na literatura como Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN).

Neste estudo, pretendo verificar como se dá a realização do sujeito nulo na aquisição do português brasileiro (doravante PB) como segunda língua

¹ Usualmente, podemos encontrar na literatura os termos *transferência* e *interferência* empregados um pelo outro quase indistintamente. Entretanto, Dulay, Burt & Krashen (1982) estabelecem distinção entre os dois termos. Com relação ao primeiro, eles afirmam que *transferência* tem vários significados. Psicólogos Behavioristas empregaram esse termo para se referirem a um processo descrito como uso subconsciente e automático de comportamentos previamente aprendidos na tentativa de produção de novas respostas. Nesse sentido, a *transferência* pode ser negativa (que se refere a instâncias de transferências que resultam em erro, em virtude de o comportamento antigo ser diferente do comportamento novo que está sendo aprendido) ou positiva (que resulta da performance correta, pelo fato de o novo comportamento ser igual ao antigo). Os autores acrescentam ainda que o termo *transferência* tem sido usado por psicólogos educacionais e educadores para descrever experiências e conhecimentos que o aprendiz tem quando se depara com novas situações. Em se tratando do segundo termo, os estudiosos dizem que *interferência* se refere a dois fenômenos lingüísticos distintos: um psicológico (que se refere a influência de hábitos antigos quando novos hábitos estão sendo aprendidos) e um outro, sociolingüístico (que se refere a interações de linguagem que ocorrem quando duas comunidades lingüísticas estão em contato). Numa situação de língua em contato, falantes bilíngües mostram *interferência* de outras línguas através de empréstimos de vocabulário ou mistura de estruturas (1982:98-102).

por um adulto estrangeiro – falante bilíngüe – que tem o chinês como língua nativa, mas que também é falante de inglês.

Levando em consideração o fato de que o sujeito dessa pesquisa é bilíngüe, pretendo verificar se, no processo de aquisição do PB, Johnny estará utilizando a sua experiência do chinês, sua primeira língua, do inglês, sua segunda língua, ou se seu comportamento em português é igual ao de um aprendiz de L1. Supondo que [-*pro-drop*] seja o valor marcado do parâmetro, se inicialmente for constatado o preenchimento obrigatório do sujeito pronominal, nas orações com tempo finito nas produções do aprendiz, então haverá indícios de que o inglês é a língua em que Johnny se baseia para a aquisição do PB, um tipo particular de língua de sujeito nulo. Se for verificado, no entanto, alternância entre sujeito preenchido e nulo, poderemos ter duas hipóteses: ele está partindo do chinês, língua que permite sujeito pronominal nulo ou ele estará utilizando a GU, através da hipótese do sujeito nulo como valor “default”.

1.1 O sujeito da investigação

O sujeito dessa pesquisa é um adolescente chinês bilíngüe, atualmente com 18 anos de idade. Nascido em Hong Kong (país em que além do chinês também se fala inglês) Johnny, o sujeito, aprendeu e falou apenas chinês até os 4 anos de idade. Daí em diante, passou a conviver com dois sistemas lingüísticos distintos: continuou falando chinês em casa, com os pais, e passou a falar inglês na escola.

Johnny chegou à cidade de Salvador em 25 de julho de 1997, através de um programa de intercâmbio, e morou com uma família brasileira durante 11 meses. Frequentou o segundo ano colegial de agosto a dezembro de 97

e o terceiro ano, de março a junho de 98, no Colégio Dois de Julho. Não tinha estado em contato com a língua portuguesa antes de vir para o Brasil, nem havia recebido qualquer tipo de instrução formal. Entretanto, não teve, de início, muitos problemas de comunicação, já que duas das pessoas da família que o hospedou também falavam inglês (a mãe e a irmã brasileiras).

Além disso, no primeiro e segundo meses, ele falava quase que exclusivamente inglês, na escola, com os colegas que tinham um certo domínio dessa língua. Durante esse período, portanto, o seu contato com a língua portuguesa foi um tanto reduzido pois ficava a maior parte do tempo em casa e, já que podia falar inglês com a mãe e a irmã, não se esforçava muito para falar português. Acrescente-se a isso o fato de que os seus programas favoritos na televisão restringiam-se a musicais e filmes transmitidos em inglês pelas emissoras de TV por assinatura, como por exemplo a MTV, HBO, etc.

Depois de cinco meses em Salvador, fase em que Johnny já estava falando português, ainda que misturado com inglês, viajou em férias com uma outra família brasileira e passou 45 dias passeando no nordeste do Brasil. Como ninguém da família com a qual ele viajou falava inglês, Johnny foi obrigado a se comunicar só em português. Quando voltou para Salvador, no início de fevereiro, ele já estava falando e entendendo português com mais facilidade e só esporadicamente usava uma palavra ou outra em inglês.

1.2 Os dados

Os dados que compõem o corpus dessa pesquisa foram obtidos de um total de 4 horas de gravações quinzenais (exceto a terceira, sexta e sétima gravações) da fala de Johnny, isto é, de 6 sessões de 30 minutos cada, e de 1 seção de 60 minutos. As gravações foram realizadas em situações de interação normal, sem planejamento de cunho experimental, para que se pudesse obter uma amostra o mais natural possível. As interações ocorreram através de diálogos que tinham como objetivo estimular a capacidade de narrar do informante, com exceção da 7ª gravação que constou de um relato de Johnny sobre a sua estadia no Brasil.

A primeira sessão de gravação foi realizada na casa da família de Johnny, com a presença do pai e do irmão, e as demais sessões foram gravadas na casa da pesquisadora. Como mencionado anteriormente, a terceira, sexta e sétima gravações não obedeceram ao intervalo de tempo de 15 dias de uma para outra. A realização da terceira gravação só foi possível dois meses depois que se deu a segunda, em virtude de o informante ter-se ausentado da cidade em viagem de férias. Quanto às gravações sexta e sétima, foram realizadas com intervalo de aproximadamente trinta dias de uma para a outra, porque nessa época a pesquisadora encontrava-se na Unicamp, o que a impossibilitava de estar em Salvador, quinzenalmente.

Neste trabalho, pretendo analisar como se dá a aquisição do sujeito nulo do PB, por um falante bilíngüe (chinês/inglês). Considerando que: a) a língua nativa de Johnny (o sujeito dessa pesquisa), o chinês, é uma língua *pro-drop*; b) existem línguas *pro-drop* de vários tipos (cf. Sigurðsson, 1994, sessão 3) entre as quais se encontra o PB; c) chinês e português são de tipos diferentes, já que PB tem morfologia de concordância e o chinês não; e d) a segunda língua do aprendiz, o inglês, é uma língua não *pro-*

drop; as questões que procuro responder, através desse estudo, podem ser colocadas da seguinte forma: Qual o papel da L2 de Johnny (o inglês) no processo de aquisição do PB? Mais especificamente, há algum tipo de interferência do inglês para a aquisição do PB no que se refere ao parâmetro *pro-drop*? Qual o papel da L1 (o chinês) na aquisição do PB como L2? Existe transferência do chinês para o PB? Em outros termos, o estado inicial de aquisição do PB, como L2, por Johnny deve ser considerado como o estado final de sua L1? Ou a GU seria o estado inicial para a aquisição do PB?

A minha hipótese é que o *pro-drop* chinês, L1 de Johnny, é o valor “default” da GU e que, portanto, no caso dele, GU e L1 se confundem. Se a hipótese for correta, Johnny vai, inicialmente, apresentar sujeito nulo para as três pessoas do discurso e vai apresentar concordância unipessoal (cf. Kato (no prelo), seção 3). Nesse caso específico, entretanto, não se pode decidir se o aprendiz está utilizando a GU como opção “default” ou sua L1, já que estou pressupondo que o *pro-drop* do chinês é o próprio “default”. Posteriormente, com base nos dados do *input*, ele vai remarcar o parâmetro para o *pro-drop* do PB e, conseqüentemente, vai passar a exibir concordância para mais de uma pessoa gramatical.

2 Aquisição de Primeira e Segunda Línguas

2.1 Aquisição de Primeira Língua (L1)

A aquisição no modelo de princípios e parâmetros trabalha com a hipótese de que a criança detém um estado de conhecimento anterior a qualquer experiência lingüística. Essa hipótese justifica-se com base no fato de que o conhecimento da gramática envolve o domínio de um sistema altamente complexo que emerge sem *input* negativo² (num curto período de tempo, uma criança aprende a falar sua língua nativa e é capaz de produzir e compreender um número infinito de sentenças) e se desenvolve com grande facilidade, rapidez e uniformidade num ambiente de dados considerados deficientes. Essa “deficiência” acontece de três formas distintas (Lightfoot, 1982; Hornstein & Lightfoot, 1981):

- a) A criança consegue desenvolver uma linguagem que contém um número infinito de sentenças, apesar de estar em contato com um número reduzido de sentenças.

- b) A criança não ouve apenas sentenças completas que demonstrem todas as possibilidades da língua. Isso acontece pelo fato de a criança geralmente estar exposta à linguagem da mãe ou à linguagem da pessoa

² Informação negativa, isto é, informações à criança sobre expressões inaceitáveis da língua desempenham um papel nulo no processo de aquisição, pois as crianças não recebem instrução gramatical, quer sob a forma de correção de erros quer sob a forma de explicações explícitas. A partir de informações unicamente positivas a criança desenvolve uma série de conhecimentos negativos sobre a língua. Dessa forma, o sistema lingüístico final incluirá o conhecimento de que determinadas expressões são inaceitáveis (Raposo, 1992:40).

que cuida dela. E, mesmo assim, a criança não aprende a falar ou entender apenas esse tipo de língua.

c) A criança, quando atinge um estado estável, entende sentenças muito complexas, às quais nunca esteve exposta. Sabe dizer por exemplo, se uma determinada sentença é possível ou não em sua língua.

Além disso, as pessoas aprendem uma língua, independentemente de serem mais inteligentes ou menos inteligentes, e o processo de aquisição é, de acordo com Chomsky (1981), natural e não exige nenhum esforço.

Uma vez que um adulto falante nativo de uma língua sabe certas coisas sobre sua língua que não pode ter aprendido a partir da experiência a que esteve exposto durante toda sua vida, tem sido proposto que deve haver algo de inato na mente humana que permita que a aquisição de uma língua seja possível, apesar das “deficiências” verificadas no ambiente lingüístico.

Considera-se que o conhecimento adquirido assume a forma de princípios gerais válidos para as línguas humanas possíveis e que os parâmetros são um conjunto de opções para uma língua específica, interagindo com princípios universais para formar gramáticas de línguas específicas. A experiência lingüística funciona como a base a partir da qual o aprendiz fixa os valores paramétricos no processo de aquisição de uma língua particular.

Podemos ilustrar esse processo considerando um dos parâmetros mais discutidos na literatura gerativista, o chamado “Parâmetro do Sujeito Nulo”, diretamente envolvido em meu estudo. Existe na GU um princípio rígido que determina a existência da posição de sujeito nas orações das

línguas humanas (Extended Projection Principle - EPP). A GU, no entanto, não determina que essa posição seja necessariamente preenchida por um NP com conteúdo fonético. Em relação ao NP pronominal, observa-se que em línguas como o português europeu, o italiano e o espanhol, é possível deixar essa posição vazia:

- (1) a. (Yo) hablo español
 b. (Io) parlo italiano

Em línguas como o inglês ou francês a posição de sujeito deve ser preenchida foneticamente:

- (2) a. **I** went to the movies yesterday.
 b. **Je** suis allé au cinéma hier.

Assim, a criança pode escolher entre a realização fonética obrigatória e a realização fonética opcional do sujeito pronominal da oração, ou seja, um parâmetro com dois valores possíveis que a criança terá de fixar durante o processo de aquisição. Esta fixação é feita com base nos dados lingüísticos primários, ou seja, com base no que a criança ouve. Por exemplo, espera-se que uma criança que esteja exposta aos dados de uma língua como italiano ou espanhol não terá dificuldade em fixar o parâmetro na posição *+pro-drop*, ao ouvir expressões como (1).

O papel da criança na aquisição da linguagem passa a ser, então, o de fixar os valores dos parâmetros para a língua específica a ser adquirida por ela. A interação entre os parâmetros fixados e os princípios universais resulta na aquisição de uma gramática nuclear de uma dada língua.

Dentro da proposta do modelo de princípios e parâmetros, há duas hipóteses que tratam da fixação de parâmetros pela criança de modos distintos: de um lado, a maturacional, e de outro, a hipótese da continuidade.

A pressuposição básica da hipótese maturacional, na formulação de Borer & Wexler (1987), é de que certos princípios maturam, ou seja, os princípios não estão disponíveis em certos estágios de desenvolvimento da criança, só se tornando disponíveis em um estágio posterior. Veja a esse respeito o que dizem os autores:

“It is well-known that many aspects of the brain mature after birth. On the assumption that linguistic properties are situated in the brain, it is quite plausible that linguistic properties mature” (Borer & Wexler, 1987.124).

Para esses autores, o aprendiz começa dispendo de certos aspectos da competência gramatical e vai acrescentando outros com o passar do tempo. A aquisição de novas habilidades lingüísticas em combinação com os princípios de que a criança já dispõe permite a reinterpretação de dados anteriores e, assim, a criança passa de uma forma da gramática a outra. Uma vez que a criança não dispõe de todos os princípios da GU, como advoga esta hipótese, entende-se que a produção infantil inicial não seja restringida pelos mecanismos da GU, o que faz emergir estruturas não autorizadas pela GU, dando origem a um tipo de gramática ilegal ou “wild”, como normalmente referida. Já que esta hipótese está vinculada à maturação biológica, não cabe considerá-la no caso de aquisição de L2 por adulto.

Uma versão mais fraca da hipótese maturacional pressupõe que as produções lingüísticas nos vários estágios da aquisição constituem gramáticas possíveis do ponto de vista da GU. Ou seja, não há lugar para gramáticas ilegais. Nessa visão, os princípios da GU estão disponíveis para a criança desde o início da aquisição, sendo as categorias funcionais os elementos que dependem de um processo de maturação, que se desenvolve segundo um programa determinado pela GU (cf. Radford, 1990; Guilfoyle & Noonan, 1988). Essa visão tem sido denominada Teoria do Truncamento.

A hipótese da continuidade postula que a criança apresenta, desde o início, uma estrutura que se conforma com os princípios que regem a gramática do adulto (Hyams, 1986; Clahzen, 1989, entre outros). Em virtude da hipótese de que toda produção da criança deriva de possibilidades autorizadas pela GU, a hipótese da continuidade trabalha com a idéia de que, no início da aquisição, os parâmetros estão marcados na GU com uma opção “default” (cf. Hyams, 1986). Essa idéia é fundamental para esta hipótese, a fim de garantir que a criança seja capaz de atuação lingüística exclusivamente dentro das opções da GU, mesmo antes de identificar qual escolha é adequada como parâmetro na sua língua. A opção “default” é necessariamente anterior a qualquer experiência lingüística, e é programada já no mecanismo de aquisição para garantir um comportamento que não viole as regras da GU. No caso do parâmetro *pro-drop*, o sujeito nulo foi considerado a opção “default” (Hyams, 1986)³. Dessa forma, uma criança que está aprendendo uma língua como o inglês, posteriormente, terá que remarcar o parâmetro para a variante marcada. Mas se uma criança está aprendendo uma língua como o

³Não há uma necessidade lógica de que assim seja.

espanhol ou italiano, línguas *pro-drop*, ela não terá que remarcar o parâmetro, já que a língua apresenta a variante não marcada do parâmetro.

Para Radford (1990), um dos proponentes radicais da Hipótese do Truncamento, as primeiras realizações de crianças com idade entre 12 e 18 meses são consideradas como acategoriais. Para ele, nessa fase que compreende o estágio de uma palavra, as produções da criança não têm propriedades sintáticas. Num estágio posterior, estágio léxico-temático (18 a 24 meses), caracterizado como pré-funcional, as estruturas produzidas pelas crianças mostram evidências de desenvolvimento de sistemas de categorias lexicais, como o uso produtivo de flexões nominal (plural) e verbal (gerúndio e particípio) e a correta distribuição dos itens lexicais, mas nenhuma evidência de sistemas de categorias funcionais como, por exemplo, o uso produtivo das flexões de tempo e concordância. Para o autor, portanto, as crianças, nessa fase de desenvolvimento, apresentam apenas as categorias lexicais (NP, VP, AP, PP), mas não apresentam evidência de categorias funcionais (CP, IP, DP).

Radford postula que a fala da criança, no estágio pré-funcional, é equivalente às “Small Clauses” (mini-orações) dos adultos por não possuírem o sistema CP. Além do sistema CP, a criança não apresenta a categoria funcional IP, responsável por certas características encontradas na gramática do adulto mas ausentes na gramática da criança, tais como a utilização dos modais, o emprego da partícula *to* que indica infinitivo em inglês, e o uso de formas verbais flexionadas.

Dessa forma, enquanto na fala do adulto o *to* do infinitivo encontra-se na posição de núcleo de IP, na fala da criança o *to* encontra-se ausente no VP, como pode ser observado em (3) abaixo: (Radford, 1990: 141)

(3) Criança: Jem want [_{VP} **Mummy** [_V take] it out]

Adulto: Jem wants [_{IP} **Mummy** [_I to] [_{VP}---[_V take] it out]]

Ao contrário do que foi proposto por Radford (1990), Poeppel e Wexler (1993) e Deprez e Pierce (1993), citados por Kramer (1993), advogam que crianças muito cedo conseguem distinguir entre o infinitivo e as formas não-finitas do verbo. Deprez e Pierce (1993) postulam que crianças francesas de 1;8:1 a 2;2:2 de idade fazem distinção entre as formas finitas e o infinitivo dos verbos, com relação à posição de negação. Poeppel e Wexler (1993), analisando produções de crianças alemãs de 25 meses perceberam, em quase todos os casos, que a criança colocava o verbo flexionado na posição correta V2 e o infinitivo na posição correta de final de sentença.

Ainda, contradizendo Radford, autores como Wexler e Pierce, na linha continuísta, argumentam que, no estágio em que a criança é capaz de produzir seqüências de duas palavras, considerado por este autor como pré-funcional, ela terá a estrutura clausal mínima de um adulto em qualquer língua. Citando tais autores, Kato diz:

“Na visão dos continuístas, a aparente fase léxico-temática oculta categorias funcionais, visíveis em certas regularidades na produção da criança. Assim, vimos que, no francês o verbo sobe para a categoria I (Flexão) quando a sentença é finita e permanece em VP quando o modo é infinitivo. A diferença de posição da negação seria então uma pista para dizer se há ou não a categoria I na gramática da criança. A alternância entre “pas manger” e “mange pas” na fala da criança é indicio da presença de I na estrutura” (Kato, 1995b:70).

Vale ressaltar, também que, além de Kato (1995), Xavier (1997); Oliveira, (1997); e Fonseca, (1997), analisando dados de crianças, adquirindo português brasileiro como primeira língua, verificaram que as categorias funcionais estão presentes nas produções iniciais de crianças na faixa-etária de 18 a 24 meses⁴.

Feitas essas considerações, assumo, neste trabalho, a hipótese continuísta, sobre a qual tratarei no item 2.3.

2.2 Aquisição de Segunda Língua (L2)

Os estudos sobre aquisição de segunda língua (L2) ganharam impulso nos últimos 30 anos, a partir da proposta de Corder (1967), que, contra a visão da Análise Contrastiva, afirmou ser o processo de aquisição de L2 semelhante ao processo de aquisição de primeira língua, embora o autor concorde com o fato de que possa haver diferenças com relação a conhecimento prévio e motivação, por exemplo. Para esse autor, se existe motivação, assim como uma criança adquire uma língua se exposta aos dados dessa língua, também um adulto vai adquirir uma L2 se exposto a essa língua.

Por outro lado, muitos estudos advogam a idéia de que a aquisição de L2 é um processo diferente da aquisição de L1. A Hipótese do Período Crítico (HPC) (Lenneberg, 1967) tem sido frequentemente mencionada na literatura para explicar a diferença entre a aquisição de primeira língua e segunda língua. De acordo com essa hipótese, o período ótimo para

⁴ Esses estudos desenvolveram trabalhos na área de aquisição de primeira língua, nos quais analisaram a presença de categorias funcionais, na fala de crianças aprendendo português como língua materna.

aprendizagem de línguas compreende o período que vai dos dois anos até a puberdade⁵.

A visão gerativa de aquisição de linguagem, como um processo criativo, guiado por mecanismos universais inatos, surge como uma reação à visão de que a língua nativa é a principal influência na aprendizagem de uma segunda língua. A reação à tentativa de se atribuir à influência de L1 todos os erros presentes na aquisição de L2 ganhou expressão através de Dulay e Burt (1974), que concluíram, a partir de um estudo de aquisição de inglês por crianças falantes de espanhol, que, pelo menos no nível sintático, não havia transferência da L1 para a L2 que estava sendo adquirida.

A Construção Criativa, como essa visão é, às vezes, referida, afirma que os processos de aquisição de L1 e L2 não são distintos. Proponentes dessa teoria argumentam que os mesmos princípios que determinam a aquisição de L1, também determinam a aquisição de L2. Ao contrário do que propõe a Análise Contrastiva, a experiência prévia da L1 não determina a subsequente aquisição da L2.

Dulay e Burt (1974; citados por Dulay et al, 1982), ao analisarem mais de 500 erros gramaticais em 179 crianças falantes de espanhol, aprendendo inglês nos Estados Unidos, concluíram que menos de 5% dos erros observados refletiam a língua nativa das crianças estudadas. As autoras citam ainda os estudos sobre crianças falantes de japonês, aprendendo inglês nos EUA (Milon, 1974; Gillis e Weber, 1976) ou crianças falantes

⁵ Os trabalhos de Krashen, Seliger e Ladefoged (1982), citados por Cyrino (1986), confirmam a HPC demonstrando que a aquisição de sistemas sintático e fonológico é mais efetivo em crianças do que em adultos imigrantes.

de espanhol, francês e grego, aprendendo inglês nos EUA (Gonzalez e Elijah, 1979; Venable, 1974). Os resultados desses estudos demonstraram que a incidência de erros de interlinguagem – erros que refletem as estruturas da primeira língua do aprendiz - é insignificante na performance de L2 e que tais erros parecem ser erros desenvolvimentais - do tipo que pode ser cometido por crianças aprendendo as línguas acima citadas como primeira língua.

Dulay et al mencionam também outros estudos (LoCoco, 1975; Hernández-Chávez, 1972; Richards, 1971) em que os dados revelam que os aprendizes cometem erros gramaticais que não deveriam ser cometidos se eles tivessem usado as mesmas regras de suas L1. Isso vem confirmar, segundo as pesquisadoras, a falta de confiança por parte dos aprendizes nas regras e estruturas gramaticais de suas línguas nativas.

Com relação a outro tipo de influência de L1 em L2, Dulay et al. Mencionam os resultados encontrados por Schachter (1974) relacionados ao que normalmente é referido na literatura como “Avoidance”. Schachter analisou orações relativas produzidas por estudantes universitários aprendendo inglês como segunda língua e observou que os falantes de persa e árabe produziram duas vezes mais orações relativas do que os estudantes chineses e japoneses, mas o número de erros dos primeiros com relação às orações relativas foi duas vezes maior quando comparados com os estudantes falantes de chinês e japonês. Schachter acredita que a análise contrastiva ajuda a explicar esses resultados. Os falantes de chinês e japonês evitaram as estruturas que eram particularmente difíceis para eles, em virtude da falta de semelhança com as estruturas das suas línguas nativas.

A partir dos anos 80, o modelo conhecido como Teoria dos Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981,1982,1986) passou a fornecer subsídios a muitos estudiosos interessados em pesquisas sobre primeira e segunda línguas. Com base nessa teoria, vários trabalhos sobre a aquisição de L2 foram desenvolvidos com o intuito de estabelecer se um adulto adquirindo uma L2 teria acesso à GU ou se haveria “transferência” de valores paramétricos de L1 a L2⁶. Vários autores assumem que a aquisição de L2 é semelhante à aquisição de L1 (White 1985a,b, Flynn, 1987, Cyrino 1986).

A partir da afirmação de que a aquisição de L2 é semelhante à aquisição de L1, as perguntas que têm sido colocadas são as seguintes: se a criança, quando adquire uma língua, fixa os parâmetros para essa língua, como seria a fixação de parâmetros para o adulto aprendiz de L2? Essa fixação seria mediada por GU? Ou seja, GU ainda seria acessível ao adulto aprendiz de L2?

As respostas a essas duas perguntas têm sido abordadas em muitos trabalhos que assumem a acessibilidade de GU e pesquisam como os parâmetros são (re)fixados (White 1985, Flynn 1987, Cyrino 1986, Vainikka & Young-Scholten 1996, Schwartz & Sprouse 1996, Cyrino 1994, entre outros). Outros trabalhos, no entanto, não aceitam essa possibilidade e argumentam que GU não é acessível ao aprendiz de L2 após o Período Crítico para a aquisição de língua, ou seja, o aprendiz só teria acesso à GU que está aparente em sua língua nativa, mas não teria acesso aos princípios universais (por exemplo, Schachter, 1989, Bley-Vroman, 1989).

⁶ Ver Cyrino,1994.

Bley-Vroman (1989) argumenta que o adulto aprendiz de L2 não tem acesso a GU. Embora reconheça que o problema lógico para a aquisição de segunda língua por adultos é o mesmo que a criança enfrenta quando da aquisição da língua materna – apesar da limitação dos dados, tanto a criança aprendiz de L1 quanto o adulto aprendiz de L2 conseguem chegar à gramática de uma língua – ele afirma que há diferenças na aquisição de L2 e L1, pois o Dispositivo de Aquisição de Língua (“language acquisition device”, LAD, cf. Chomsky, 1981) não é mais operante. A aquisição se dá através do conhecimento da L1 e também de estratégias de resolução de problemas. Diz Bley-Vroman:

“In summary, the two substantial advantages which adults possess – previous knowledge of a language and a general cognitive ability to deal with abstract formal systems – are able approximately, but not perfectly, to compensate for the loss in adults of the child’s knowledge of Universal Grammar and of a Learning Procedure designed specifically to construct grammars” (1989:54).

Para Schachter (1989), a aquisição de L2 é um tipo de aprendizagem cognitiva apenas, ou seja, não há acesso à GU. Ela propõe que adultos aprendizes de L2 nunca serão falantes “nativos” de L2 devido a algumas características responsáveis pela diferença entre o falante de L1 e o falante de L2.

A primeira característica a que Schachter se refere diz respeito à integralização (completeness) – a criança é capaz de chegar a um conhecimento perfeito da língua a que está exposta, enquanto para o adulto aprendiz de L2 isso não acontece.

A segunda característica é a equipotencialidade (equipotentiality) – a criança é equipotencial, ou seja, ela é capaz de aprender qualquer língua a que esteja exposta. O adulto não. De acordo com Schachter, um adulto falante de espanhol teria mais dificuldade de aprender inglês do que francês.

Uma outra característica refere-se ao conhecimento prévio (previous knowledge) – a criança não tem conhecimento prévio de nenhuma língua, enquanto que o adulto tem o conhecimento da sua L1. Isso é considerado como desvantagem para o adulto ao adquirir L2, quando comparado à criança ao adquirir L1.

Por fim, a autora menciona a fossilização (fossilization) – na produção do adulto aprendiz de segunda língua, mas não na produção da criança que adquire L1, aparecem estruturas lingüísticas que já deveriam ter sido erradicadas.

Felix (1987), por outro lado, argumenta que GU ainda é acessível, mas que adultos além de GU, já desenvolveram a habilidade de lidar com sistemas abstratos.

Sabemos que a língua é um sistema complexo e abstrato. Sabemos também que crianças aos dois anos de idade não podem lidar com sistemas abstratos. Uma vez que a criança desenvolve a linguagem, Felix argumenta que há um sistema cognitivo específico para a linguagem (“Language Specific Cognitive System”, LSC). Para as crianças pequenas este é o único módulo lingüístico capaz de lidar com a linguagem. O LSC corresponde ao LAD chomskiano.

Na puberdade, no entanto, desenvolve-se uma habilidade geral de lidar com sistemas abstratos que Felix chama de sistema cognitivo de resolução de problemas (“Problem-Solving Cognitive System”, PSC). Assim, o adolescente tem dois tipos de sistemas cognitivos que competem na análise dos dados de língua. Contudo, o PSC, ao contrário do LSC, não está relacionado à aquisição de língua especificamente. Mas, mesmo assim, ele será usado na aprendizagem de uma língua pelo adulto. Desta forma, pode-se explicar porque muitas vezes não há sucesso na aquisição de língua por adultos.

Dada a hipótese de que os princípios universais desempenham algum papel na aquisição de L2, como se dá essa aquisição? Uma hipótese é que se aprende uma segunda língua exatamente da mesma maneira que se aprende a língua nativa, ou seja, começando com um parâmetro no valor não marcado e (re)fixando parâmetros apenas quando confrontado com os dados da L2 que exigem um valor marcado. Outra hipótese é que o aprendiz chega a L2 com os valores do parâmetro de L1 e é forçado a remarcar os parâmetros que diferem nas duas línguas.

Vainikka & Young-Scholten (1996), com a hipótese *Minimal Trees*, adotam a abordagem maturacionista e argumentam que apenas categorias lexicais são transferidas da gramática de L1 quando da aquisição de L2. Com base nessa abordagem, a projeção clausal inicial, na aquisição de L2, é apenas um VP, com o sujeito em *Spec* de VP: o desenvolvimento subsequente envolve a criação de projeções funcionais a partir da aquisição de itens lexicais que instanciam essas projeções funcionais.

De acordo com a hipótese “Full Transfer/Full Access” de Schwartz & Sprouse (1996), o estado inicial da aquisição de L2 é o estado final da aquisição de L1. Na visão desses autores, toda a gramática de L1,

incluindo as projeções funcionais, estão presentes no estágio inicial da aquisição de L2, sendo o desenvolvimento subsequente de L2 determinado em parte pelo *input*, em parte pelo estado inicial, em parte pelo *aparat*us de GU e em parte pelas considerações de aprendizibilidade.

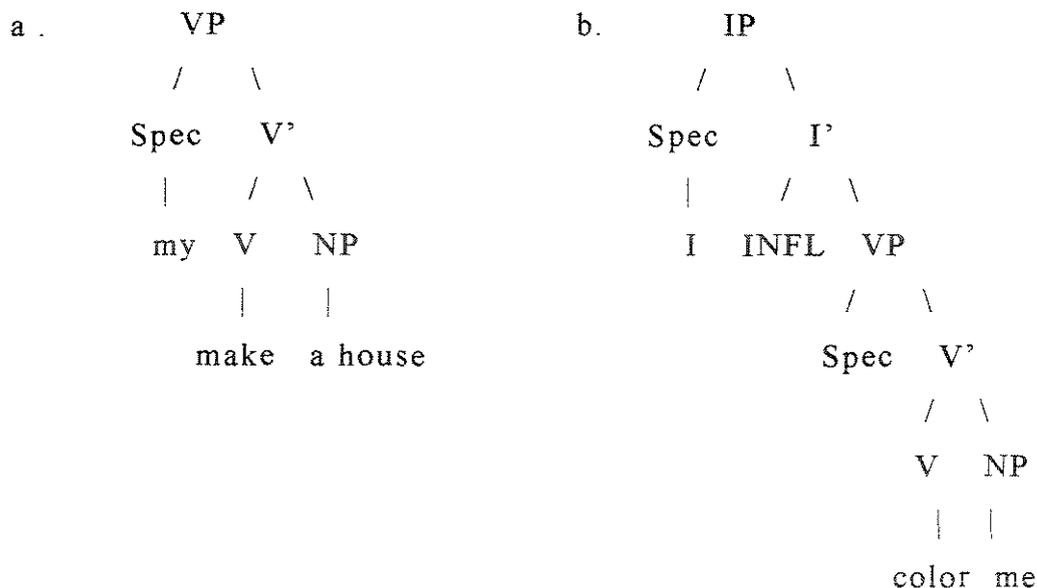
Vainikka & Young-Scholten (1996) postulam um estágio inicial sem categorias funcionais tanto para aprendizes de L1 como para aprendizes de L2. Analisando dados de adultos falantes de coreano, turco, italiano e espanhol, adquirindo alemão como L2, propõem que esses aprendizes transferem para o alemão os VPs de suas L1. Os falantes do coreano e do turco transferem o VP de núcleo final e os falantes de italiano e espanhol primeiro transferem o VP de núcleo inicial e depois mudam para a posição correta de núcleo final do Alemão.

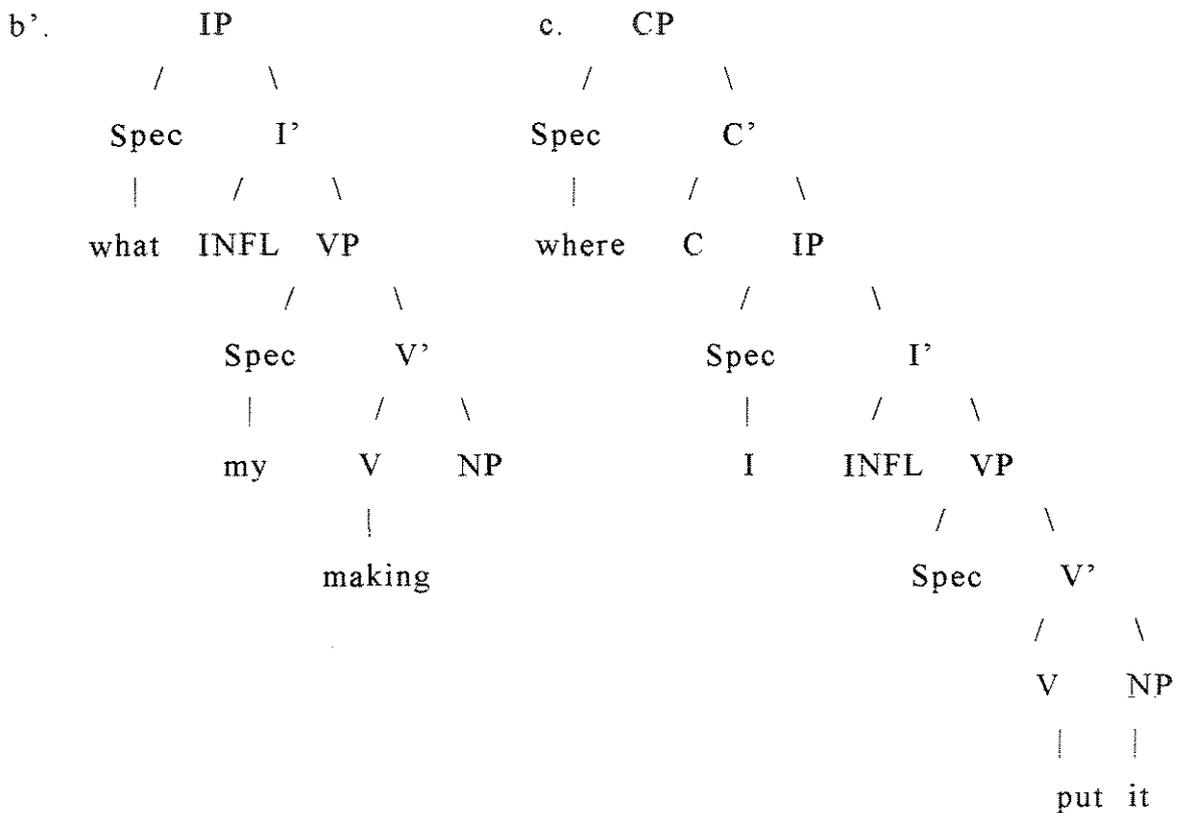
As autoras argumentam que, embora as projeções funcionais em turco e coreano sejam de núcleo final e em italiano e espanhol, de núcleo inicial, todos os quatro grupos de aprendizes apresentam, subsequente, projeções funcionais com núcleo inicial para o alemão, o que leva à conclusão de que o estágio inicial do aprendiz de L2 constitui-se apenas de categorias lexicais e que o desenvolvimento das projeções funcionais acontece a partir da interação da Teoria X' com os dados do *input* da língua alvo.

Seguindo a hipótese da construção de categoria, Vainikka (1993/94), apud Vainikka & Young-Scholten (1996), explicam os estágios observados na aquisição de inglês como L1 por crianças, propondo a seguinte análise: no estágio inicial de aquisição os sujeitos não-nominativos ocorrem em *Spec* (VP) porque a posição de nominativo de *Spec* (IP) não existe ainda, como mostrado em (4a) a seguir. Uma vez que a categoria IP esteja desenvolvida (4b), o sujeito nominativo passa a ocupar o *Spec* (IP).

Quando as perguntas QU com sujeitos expressos são produzidas, os sujeitos não-nominativos reaparecem porque um sintagma QU na posição de *Spec* (IP) bloqueia a subida do sujeito; cf. a árvore em (4b'). Essa posição atípica do sintagma QU é considerada como uma consequência da projeção de CP que está ausente nesse estágio. Quando, finalmente, em (4c) o sintagma QU passa a ocupar a posição de *Spec* (CP) o sujeito volta a ocupar a posição de *Spec* (IP), resultando em perguntas QU com sujeitos nominativos, como são encontradas na fala do adulto (cf. os estágios de desenvolvimento em crianças adquirindo inglês como L1, apud Vainikka & Young-Scholten, 1996).

(4) Estágios de desenvolvimento da aquisição de inglês como primeira língua, por crianças pequenas (Vainikka 1993/94)





As autoras argumentam que, enquanto para crianças que estão adquirindo L1 não existe conhecimento prévio de nenhuma língua, para os aprendizes de L2 existe o conhecimento prévio de sua L1, embora para a aquisição de L2, estes só façam uso da sua língua nativa, no que se refere à transferência do VP, e que nenhuma projeção funcional é transferida, nem inicialmente nem subsequente. Para as autoras, o desenvolvimento das projeções funcionais acontece posteriormente, através da interação da Teoria X' com os dados do *input*. Concluem, portanto, que o estado inicial na aquisição da L2 não equivale ao conhecimento total da L1.

Contrapondo a hipótese desses autores, Schwartz & Sprouse (1996) defendem a hipótese da "Transferência Total/Acesso Total". Segundo esse modelo, o estado inicial da aquisição de L2 corresponde ao estado final

da aquisição de L1. Isso significa que o ponto de partida para a aquisição de L2 é diferente do ponto de partida para a aquisição de L1.

Esse modelo propõe que os valores dos parâmetros presentes na gramática de L1 passam, imediatamente, a constituir o estado inicial de um novo sistema gramatical, a partir da primeira exposição aos dados do *input* da língua alvo. Esse estado inicial do sistema de L2 terá que mudar com base nos dados do *input* da língua alvo.

De acordo com essa hipótese, portanto, o aprendiz começa com os valores de L1 e os generaliza para L2, (portanto, ‘transferência total’) até que os dados do *input* o forcem a algum tipo de reestruturação da gramática. Essa reestruturação deve ser compatível com as opções presentes na GU (daí o termo ‘acesso total’). O processo de reestruturação é contínuo, e cada sistema intermediário constitui uma gramática diferente.

Embora L1 possa ter alguma influência na produção de L2, o processo de aquisição de L2 por um adulto pode ser considerado semelhante ao processo de aquisição de L1 por uma criança. De acordo com White (1985b), o problema para a aquisição de segunda língua é virtualmente o mesmo problema enfrentado pela criança para a aquisição de primeira língua. O aprendiz de L2 eventualmente adquire a língua apesar da limitação dos dados. Esses dados não consistem apenas de sentenças completas ou bem formadas, mas, freqüentemente, de sentenças simplificadas e, além disso, não são suficientemente informativos sobre as complexidades de L2. Contudo, White (1985b) propõe que o aprendiz de L2 deve ter alguma intuição sobre o que é gramatical ou não em sua segunda língua.

Quanto à questão da acessibilidade à GU por aprendizes de segunda língua, White (1985 a), a partir de um estudo envolvendo falantes nativos de espanhol aprendendo inglês, procurou investigar se a GU está presente na aquisição de L2 e, em caso afirmativo, se a L1 interfere na forma como a GU opera na L2.

Considerando que o espanhol é uma língua que permite sujeitos fonologicamente nulos e que no caso do inglês os sujeitos precisam ser fonologicamente realizados, White procurou observar se falantes de espanhol seriam capazes de perceber, com base nos dados do inglês, que o inglês não é uma língua de sujeito nulo, ou se eles iriam supor, pelo menos inicialmente, que inglês é como espanhol, com relação a esse parâmetro.

Os sujeitos da sua pesquisa deveriam fazer julgamentos de gramaticalidade de várias sentenças em inglês, incluindo algumas com características *pro-drop*, o que tornaria essas sentenças em inglês, agramaticais. Os falantes de espanhol consideraram gramaticais grande parte dessas sentenças. A conclusão a que ela chegou é que a remarcação do parâmetro da L1 para a L2 causa problemas que levam a erros de transferência. Portanto, os dados da sua pesquisa desconfirmam a hipótese de que a GU possa interagir diretamente com os dados da L2, independente da experiência de L1.

Phinney (1987) analisou produções de estudantes espanhóis aprendendo inglês como segunda língua. Ela examinou a omissão de sujeitos pronominais em contextos onde estes são obrigatórios em inglês. Os dados da sua pesquisa indicam que a remarcação do parâmetro do espanhol para o inglês é mais difícil do que do inglês para o espanhol. Segundo a autora, quando a L1 (nesse caso, o espanhol) utiliza um valor

não marcado de um determinado parâmetro (aqui, o parâmetro *pro-drop*), é mais difícil e mais demorado para se adquirir competência numa L2 (nesse caso, o inglês) que utiliza o valor marcado. Considerando, portanto, que o valor não marcado do parâmetro *pro-drop* corresponde ao valor selecionado pelo espanhol, talvez seja possível explicar o fato de os falantes dessa língua apresentarem sujeitos nulos quando da aquisição do inglês. Isso significa que eles estarão se comportando como aprendizes de L1, ou seja, começando como o parâmetro no valor não marcado e remarcando o parâmetro a partir dos dados do *input*.

Flynn (1987) também estuda a acessibilidade de GU por adultos aprendizes de L2. Ela argumenta que a GU não faz predições explícitas sobre a aquisição de L2 mas que se a GU caracteriza uma faculdade de linguagem, biologicamente determinada e necessária para a aquisição de uma L1, então parece bastante razoável supor que, de alguma forma, GU também determina a aquisição de L2.

Ela diz ainda que, considerando que a faculdade de linguagem não muda substancialmente com o tempo, os princípios e parâmetros que determinam a aquisição de L1 poderiam também ser considerados no processo de aquisição de L2 por adultos. Flynn propõe para a aquisição de L2 a Hipótese de Marcação de Parâmetros cujo ponto central é a afirmação de que a aquisição de L2 por adultos e a aquisição de L1 por crianças são processos constrangidos pelos princípios e parâmetros da GU. Embora a autora não negue que a L1 previamente adquirida possa, de alguma forma, influenciar a aquisição de L2, ela não considera essa influência como sendo uma estratégia de transferência das regras de L1 para a gramática da L2 que está sendo adquirida. Sua proposta para um modelo de aquisição de L2 insere-se no esquema teórico do modelo de

princípios e parâmetros da gramática universal. Veja, nesse caso, o que diz Flynn (1987:55):

“Rather, L2 and L1 learners are hypothesized to be constrained by similar principles. Thus, in “interference” data, we would expect to see evidence that the L2 learner is attempting to establish the value of the L2 parameter and organize the L2 grammar around this value. Given the nature of these principles, we would expect that where values for this parameter differ for the L1 and the L2, the L2 learner would need to assign a new value to the parameter consistent with the target L2 value”.

2.3 A posição assumida nesta dissertação

Assumo, com os continuístas, que o esqueleto funcional não é truncado na sintaxe inicial, nem na criança, nem no aprendiz de L2. Segundo Kato (1995b.: 71) :

“Todos os elementos lexicais são inseridos plenamente flexionados já de início e seu movimento para o esqueleto funcional se caracteriza como uma operação de checagem , de verificação de seus traços e não de afixação. Essa checagem se dá de forma visível ou encoberta, dependendo das flexões serem de natureza forte ou fraca. Quanto à aquisição, (...) a criança iniciaria com o valor do parâmetro mais econômico, com a morfologia tanto verbal quanto nominal presumidas fracas (...) Não haveria nem subida de verbo e nem subida de NPs, permanecendo tudo dentro da projeção lexical do verbo. Mas o fato de não haver movimentos na sintaxe visível não exclui a

possibilidade da existência do esqueleto funcional, onde os elementos poderiam ter seus traços checados em FL.”

Assumo, também, com Kato (1995a.), que, em fases iniciais de aquisição, a criança apresenta uma estrutura sem AGR, correspondente à concordância, pelo fato de que nem toda língua possui concordância. Assim, como a concordância é uma propriedade que varia nas línguas, ela só passaria a fazer parte da estrutura da criança ou do aprendiz de uma L2, através do *input*. Em outras palavras, entre uma opção que envolve morfologia forte ou rica e outra que não, o valor “default” seria a que não apresenta morfologia flexional ou que apresenta uma morfologia invariante, unipessoal (Kato, 1998, no prelo).

Outra proposta assumida neste trabalho é a de Hyams (1993), segundo a qual a projeção funcional pode estar presente na estrutura da criança, mesmo que sub-especificada.

A partir do que foi exposto com relação à aquisição de segunda língua, procurarei fornecer evidências que demonstrem que no processo de aquisição de L2 os “erros” cometidos pelo aprendiz de L2 podem ser comparados aos “erros” cometidos por crianças quando da aquisição de L1, devido à adoção do valor “default” do parâmetro, que, no caso, é o da L1 do aprendiz. Aquilo que à primeira vista parece ser transferência, pode ser analisado como sendo características desse valor “default” que gera uma gramática que apresenta estruturas autorizadas pela GU. Não posso determinar, com certeza, se é o valor “default”(=chinês) ou a L1 do sujeito que está em jogo, mas a teoria dos Princípios e Parâmetros fornece esta possível análise, através da GU, para aquilo que antes só podia ser analisado como transferência de L1. Mantereí essa posição até poder

refutá-la através da aquisição do PB por falantes de outras línguas, como o inglês, uma língua não *pro-drop*, ou o italiano, uma língua de sujeito nulo que o licencia através da flexão. Se esses sujeitos percorrerem caminhos diferentes ao de Johnny, poderei dizer que minha hipótese foi desconfirmada.

Isso não significa que a L1 de Johnny, como sistema adquirido, não tenha um papel na aquisição de L2 em nível de desempenho. Os fenômenos de “code-switching” observados na fala do meu sujeito são estratégias de produção a que ele recorre em momentos de dificuldade. Mas este fenômeno está fora dos objetivos desta dissertação.

3 Parâmetro do Sujeito Nulo

Considerando que o sujeito dessa pesquisa tem como L1 o chinês (língua de sujeito nulo não licenciado morfologicamente) e como primeira L2 o inglês (língua que exige o sujeito foneticamente realizado), e tendo em vista o fato de que o PB é uma língua em mudança, de um tipo de língua *pro-drop* para outro tipo, no que se refere à representação do sujeito pronominal, acredito que os dados dessa pesquisa poderão revelar aspectos interessantes das questões sobre o parâmetro do sujeito nulo.

Conhecido como o parâmetro que mais atenção tem merecido e mais contribuições tem recebido desde o seu aparecimento em Chomsky (1981), no quadro dos estudos gerativistas, dentro da teoria conhecida como Teoria de Princípios e Parâmetros, o Parâmetro do Sujeito Nulo compreendia um conjunto de propriedades incluindo, entre outras, a ausência de sujeito pronominal.

Proposto, inicialmente, a partir de estudos que objetivavam a comparação entre o inglês e as línguas românicas *pro drop*, muitos estudos sobre o parâmetro do sujeito nulo atribuíram à “riqueza” da flexão verbal a propriedade de o sujeito não ser foneticamente realizado.

Conforme esse ponto de vista, línguas românicas como o italiano, o espanhol, o romeno e o português europeu permitem sujeito nulo, já que os sufixos flexionais do verbo são capazes de recuperar o conteúdo do pronome sujeito. Já uma língua como o inglês não permite, por não ter uma flexão verbal “rica” e, portanto, não poder licenciar o sujeito nulo, uma vez que seu conteúdo não poderá ser recuperado.

Embora isso pareça claro, a relação entre flexão verbal e língua de sujeito nulo não dá conta de todas as línguas existentes.

A partir do trabalho de Huang (1984), com o chinês, essa relação entre flexão rica e sujeito nulo deixa de ser concebida como a única forma no processo de licenciamento e recuperação do sujeito nulo, uma vez que o chinês, embora permita sujeitos nulos, não tem concordância verbal (ponto a que retornaremos depois).

Outra evidência em favor da não exclusividade da morfologia verbal no licenciamento de sujeitos nulos é o fato de as línguas germânicas não permitirem sujeitos nulos referenciais, apesar de algumas delas, como por exemplo, o alemão e o islandês, contarem com um sistema flexional verbal que pode ser comparado ao de certas línguas românicas de sujeito nulo.

Para Jaeggli & Safir (1989), não é um sistema flexional rico que permite o licenciamento e a identificação do sujeito nulo, mas a uniformidade morfológica dos paradigmas verbais de uma língua. A noção de uniformidade morfológica está relacionada à formação do paradigma verbal, ou seja, se um paradigma verbal é constituído só de formas derivadas (se possuir desinências de número, pessoa, etc.), como no caso do espanhol, ou só de formas primitivas (apenas o radical), como em chinês, então ele pode ser considerado um paradigma morfológicamente uniforme. Se o paradigma é misto, como no caso do inglês, sujeitos nulos estão excluídos.

No caso de línguas com paradigma verbal constituído de formas derivadas, o sujeito nulo seria licenciado por *Agr-Tense* e, no outro caso,

pela correferência do sujeito nulo com um elemento nominal na posição A ou A' c-comandando o sujeito.

Um dos trabalhos mais importantes que vem desafiar a hipótese de *Agrico* é a análise do Islandês Antigo (IA) feita por Sigurðsson (1993). Ele propõe que o Islandês Antigo que sempre teve uma morfologia flexional rica perdeu *pro* em contextos co-referenciais, mantendo *topic-drop* e *pro* não-referencial, mas sem que tenha ocorrido nenhuma alteração na morfologia verbal.

Kato (no prelo) chama a atenção para a importância desse trabalho que identifica diferentes tipos de argumentos nulos e que explica essas diferenças em termos de parâmetro de identificação. Para Sigurðsson, portanto, as línguas de sujeito nulo (LSN) não constituem um único tipo. Ele identifica os seguintes tipos de LSN:

- a) “topic-drop” (encontradas em orações matrizes do alemão e outras línguas V2);
- b) “semi prodrop” (sujeitos não-argumentais);
- c) “controlled prodrop” (línguas como o chinês, que envolvem co-indexação com um NP c-comandante e envolvem apenas sujeitos de orações subordinadas);
- d) “genuine prodrop” (que envolve co-indexação livre com qualquer NP no discurso precedente, envolvendo tanto sujeitos quanto objetos de verbos e preposições);

e) “Agr identified pro” (o tipo italiano que envolve primeira e segunda pessoa).

Para Sigurðsson, o último tipo, isto é, a identificação de *pro* através de *Agr* já não existia no IA. Por essa razão, o autor considera a concordância dessa língua como sendo não pronominal, com a identificação de *pro* sendo feita através da co-indexação com um NP no discurso precedente.

Kato defende que o trabalho de Sigurðsson é de grande relevância para se entender o que aconteceu no PB em que, hoje, o comportamento do sujeito nulo é, em parte, semelhante ao do Islandês Antigo. As duas línguas não apresentam sujeitos nulos para a primeira e segunda pessoas, mas apresentam para a terceira. Outra semelhança apontada pela autora é que tanto o Islandês Antigo quanto o Islandês Moderno apresentam a mesma forma verbal para a segunda e terceira pessoas do singular como acontece no PB (cf. Kato (no prelo:6)).

Segundo Calabrese (1986) e Fernandes Soriano (1989), existe uma complementaridade entre o uso do pronome pleno e do pronome nulo em italiano e espanhol. Para Calabrese (1986) quando o referente é esperado, o sujeito nulo é obrigatório. Portanto, o uso de pronome pleno implicaria, segundo o autor, uma referência disjunta ou a inaceitabilidade da sentença, no caso de referente esperado. Um pronome tônico também não pode preceder seu antecedente em encaixadas adverbiais. Para o autor, o que faz um referente ser esperado é o fato de ele ser o Tema (ou sujeito) de uma predicação.

Fernandes Soriano (1989) acrescenta à noção de não-alternância ou não-opcionalidade entre pronomes nulos e plenos a observação de que a co-

ocorrência de um pronome pleno com *pro* implicaria uma dupla marcação de caso já que os mesmos traços atribuídos por AGR (pessoa, número e Caso) estão presentes nos pronomes tônicos. A presença do pronome tônico, portanto, só se justificaria no caso de AGR não ser suficientemente forte para identificar o conteúdo de *pro*, como no caso da segunda pessoa do subjuntivo em italiano e primeira e terceira pessoas do imperfeito do indicativo do espanhol.

Caso haja outro elemento na sentença ou no discurso capaz de identificar o conteúdo do sujeito, *pro* poderá ser usado; o pronome, se ocorrer junto com *pro*, terá um outro estatuto como, por exemplo, o de foco.

Com base em propostas recentes sobre a forma e a distribuição dos pronominais, incluindo *pro*, Kato propõe que todas as línguas possuem pronomes fortes, enquanto que as formas fracas (pronomes livres e clíticos) aparecem apenas em línguas que não têm concordância pronominal. Postula ainda que estas formas fracas encontram-se em distribuição complementar definindo diferentes tipos de línguas. Para ela, a perda de *Agr* pronominal no PB está relacionada à emergência de pronomes fracos em posição de sujeito⁷.

Quanto à posição estrutural dos pronomes fracos e fortes, Soriano (1989), argumenta que, em línguas *pro-drop* como o espanhol, os pronomes fortes aparecem em posição A', criando uma estrutura de duplicação com sujeito nulo. Em línguas não *pro-drop*, como o Inglês, os pronomes nominativos ocupam uma posição de *Spec* (IP) que é a posição dos pronomes fracos, e em línguas *pro-drop* essa posição seria ocupada por *pro*.

⁷ Para Kato, uma língua pode ter um sistema misto, com algumas formas pronominais e outras não, como o caso do PB, no qual a terceira pessoa do singular é ainda pronominal.

Para Kato, o redobramento do sujeito também é possível em línguas não-pro-drop como o inglês e francês, embora o pronome fraco seja foneticamente realizado e o pronome forte não seja representado pelo caso nominativo. Quanto à forma forte, a autora propõe que se esta não é nominativa, então a língua é [-sujeito nulo]⁸.

Kato defende que no francês o sujeito nulo era possível quando formas fortes nominativas coexistiam ao lado de *Agr* pronominal. Com o surgimento de um paradigma de formas nominativas fracas quase homófono, *Agr* perdeu o traço [+ pronominal], o sujeito nulo desapareceu e os pronomes fortes assumiram a forma dativa. Essa análise vem confirmar a hipótese de que *Agr* pronominal está em distribuição complementar com os pronomes fracos sujeito e que ambos podem co-ocorrer com pronomes fortes, como se pode ver abaixo:

- (5) a. JOU, Agr [+pronominal]{Francês Antigo}
 b. JOU, je Agr [-pronominal]...{ entre Francês Antigo e Francês Moderno}
 c. MOI, je Agr [-pronominal]...{Francês Moderno}

No que se refere ao português brasileiro, Kato mostra que o PB apresenta redobramento de pronomes sujeito, em que pronomes fortes e fracos exibem formas quase homófonas (cf. exemplo abaixo).

- (6) VOCÊ, 'cê não me pega! (Kato, 1996)

⁸ a. MOI, je l'ai vu hier. b. ME, I saw him yesterday. (Kato (no prelo) : 7)

Propõe, também, que a mudança que ocorreu no PB pode ser comparada àquela ocorrida no francês, exceto pela mudança na forma do pronome forte, ou seja: assim como apareceu no francês uma forma fraca nominativa quase homófona (Je) ao lado da forma forte (JOU), também no PB apareceu a forma fraca quase homófona (cê) ao lado da forma forte (VOCÊ). A diferença, como se vê em (7), é que no PB não houve mudança no pronome forte e no francês ele passa da forma nominativa ‘JOU’ para a forma dativa ‘MOI’.

(7) a. EU adoro isso (PB – séc. XIX)

EU_i, [adoro_i [+pron] isso]

b. EU, ô adoro isso. (PB moderno)

EU_i, [ô_i [adoro [-pron] isso]]

Para Kato, portanto, tanto no Francês Antigo como no PB há pronomes sujeitos fracos e fortes homófonos, sendo que enquanto no francês o pronome nominativo forte desapareceu, dando lugar a um paradigma forte oblíquo, no PB isso não aconteceu. Além disso o Francês Moderno e o PB diferem no sentido de que o PB retém sujeito nulo para expletivos (exemplo (8)), *pro* “controlado” (exemplo (9)) e o pronome ligado (exemplo (10)), isto é, *Agr* de terceira pessoa do singular é ainda pronominal no PB, mas não no Francês Moderno.

(8) a. Tá chovendo

b. Tem novidade

c. Parece que vai chover

(9) O João disse que (ele) comprou um carro

(10) Ninguém acha que (*ele) é estúpido

3.1 O Parâmetro do Sujeito Nulo em Línguas Orientais

3.1.1 O Chinês

Considerando que o sujeito dessa pesquisa tem como língua nativa o chinês, e que essa é uma língua de sujeito nulo, passo, agora, à descrição do fenômeno para ver como o sujeito nulo é identificado no Chinês.

Segundo Huang (1989), em chinês, tanto o sujeito quanto o objeto podem estar ausentes em sentenças com tempo. Os exemplos (11) e (12) (Cf. p:187) mostram que ambas as respostas em (12) podem ter tanto o pronome sujeito quanto o pronome objeto elididos.

(11) Zhangsan kanjian Lisi le ma?

Zhangsan see Lisi ASP Q

Did Zhangsan see Lisi?

(12) a. (ta) kanjian (ta) le.

(he) see (he) Perf

He saw him.

b. Wo xiang (ta) kanjian (ta) le.

I think (he) see (he) Perf

I think he saw him.

Embora a ocorrência de tais argumentos nulos seja problemática para a hipótese de identificação (Jaeggli, 1982), uma vez que o chinês não possui um sistema de concordância, o autor afirma que essa língua só apresenta problemas para a hipótese da identificação quando permite sujeito nulo, mas não quando permite o objeto nulo. Isto porque, enquanto

o sujeito nulo é considerado um pronominal nulo genuíno, o objeto nulo é analisado como uma variável ligada por um operador nulo em posição A-barra (cf. exemplo (13b) como a representação de (13a)).

(13)a. Zhangsan shuo [Lisi kanjian e le]
 Zhangsan say Lisi see Perf
 Zhangsan said that Lisi saw [him]

b. [OP_i [Zhangsan shuo [Lisi kanjian e_i le]]]

De acordo com Huang (1989), embora um objeto nulo não possa ser ligado ao sujeito da matriz, o sujeito nulo encaixado pode ser ligado por um sujeito da oração matriz (cf. exemplo (14)).

(14) a. Zhangsan shuo [e hen sihuan Lisi]
 Zhangsan say very like Lisi
 Zhangsan said that [he] liked Lisi.

b. *Zhangsan shuo [Lisi hen xihuan e]
 Zhangsan say Lisi very like
 Zhangsan said that Lisi liked [him]

Assim, em (14a) o sujeito nulo pode se referir ao sujeito da matriz *Zhangsan* ou a outra pessoa cuja referência está no discurso. Contudo, o objeto nulo deve referir-se ao tópico do discurso e não ao sujeito da matriz.

A assimetria sujeito-objeto apresentada pelas sentenças em (14) evidencia não apenas que o objeto nulo não é um pronominal, mas que o sujeito nulo pode sê-lo. O autor argumenta que se se considera que um

pronominal nulo quando não regido é um *PRO* e quando regido, um *pro*, então pode-se afirmar que o sujeito nulo no chinês pode ser um *pro*, ou seja, que o chinês é uma língua *pro-drop*. Isso pode ser constatado, a partir dos exemplos (15) e (16) apresentados para mostrar que o sujeito nulo pode ser regido.

(15) Zhangson shuo [(ta) lai le]
 Zhangsan say he come ASP
 Zhangsan said that (he) came.

(16) Zhangsan xiangxin [(ta) hui lai]
 Zhangsan believe he will come
 Zhangsan believes that (he) will come

Os exemplos (15) e (16) mostram que o sujeito encaixado pode estar nulo ou preenchido. Ele argumenta que considerando que o filtro do caso se aplica ao chinês e que só se atribui caso ao sujeito de uma oração quando ele é governado por um elemento em INFL, então a possibilidade de se ter um sujeito encaixado não-nulo mostra que a posição de sujeito é governada. Portanto, um sujeito nulo na mesma posição mostra que o chinês é uma língua *pro-drop*.

Entretanto, Huang considera que a conclusão acima apresenta problemas com relação à hipótese da identificação, já que o chinês não possui *Agr*, o que pode levar à idéia de que o sujeito nulo não é um *pro* regido.

O Autor argumenta que ao se postular que o sujeito nulo não é um *pro* governado, assume-se que a ocorrência de um sujeito lexical em chinês não é determinada pela presença de um regente em AUX e, portanto, que

sentenças como (15) e (16) não determinam se o sujeito nulo é governado, o que permite identificá-lo como *PRO*.

A completa ausência de *Tense* e *Agr* em chinês pode levar à suposição de que deve haver uma outra forma que não a regência para o licenciamento de um sujeito lexical. Contudo o autor acredita ser a finitude de uma sentença o fator relevante que permite o sujeito lexical. Argumenta que há uma distinção sistemática entre orações finitas e não-finitas em chinês que pode ser feita com base na ocorrência potencial de qualquer elemento da categoria AUX. Assim, quando uma oração se encontra subordinada a um verbo do tipo ‘say’ ou ‘believe’, deve conter um modal ou um morfema indicador de aspecto, como em (15) e (16), embora o elemento AUX não tenha que estar sempre visível na oração (cf. exemplo (17)).

- (17) Zhangsan shuo [(ta) meitian lai]
 Zhangsan say he every-day come
 Zhahgsan said that (he) comes/came every day.

Quando a oração subordinada tiver na oração matriz um verbo de controle do tipo *bi* ‘force’ *quan*, ‘persuade’, *shefa* ‘try’, não pode ter qualquer elemento de AUX (cf. exemplos (18) e (19)), como demonstra os exemplos:

- (18) Wo bi Lisi [*e* lai]
 I force Lisi come
 I forced Lisi to come

- (19) Lisi shefa [*e* lai]
 Lisi try come
 Lisi tried to come

Outro aspecto salientado por Huang, com relação a verbos de controle, refere-se ao fato de que esse tipo de verbo exige sujeito nulo para a oração encaixada. (cf. exemplos (18) e (19))

De acordo com o autor essa restrição não se aplica às orações subordinadas que têm na oração matriz os verbos ‘say’ e ‘believe’. Esse fato leva o autor a crer que existe uma correlação entre a possibilidade de se ter um elemento de AUX numa oração e possibilidade de se ter um sujeito lexical. A partir do exposto apresenta a seguinte generalização:

“If the subject of a clause is obligatorily null, then the clause cannot contain an element of AUX”

Para Huang, se uma oração contém um modal ou um morfema de aspecto, o seu sujeito pode ser lexical ou nulo. A partir disso, postula que em chinês uma oração é finita se ela contém AUX. Ele argumenta que uma vez que AUX governa o sujeito é de se esperar que a Teoria do Caso esteja relacionada à possível ocorrência de um sujeito lexical. O autor salienta que, em se tratando das orações encaixadas por verbos de controle, pode-se assumir que estes subcategorizam orações não-finitas sem AUX. Se, entretanto, o sujeito encaixado não for governado, é de se esperar que seja obrigatoriamente nulo.

Zhang (1988) argumenta que o objeto nulo do chinês comporta-se como um *pronome*, e não como uma *variável* ligada por um operador, como é defendido por Huang (1984). Assim, através da estrutura apresentada em (21), que corresponde ao exemplo em (20), a autora mostra que o objeto nulo do chinês pode estar ligado a NP₁, que é sujeito da oração matriz, ou pode estar ligado a X, que representa um referente do discurso, mas que não tem que ser um NP (+ humano).

- (20) Zhangsan shuo Lisi bu xiangxiu *ec*
 say not believe
 Zhangsan says that Lisi doesn't believe him/her/it

- (21) [s NP₁ V [s [s NP₂ V **ec**]]]
 |-----|
 X |-----|

Quanto ao sujeito nulo, tanto Huang (1984) quanto Zhang (1988) concordam com o fato de que funciona da mesma forma que um pronome foneticamente realizado, referindo-se tanto ao sujeito da oração matriz *Zhangsan*, quanto a um referente fora da sentença, como demonstrado nos exemplos (22) e (23) apresentados por Zhang.

- (22) Zhangsan shuo ta bu xiangxin Lisi
 say he not believe
 Zhangsan says that he doesn't believe Lisi.

- (23) Zhangsan shuo *ec* bu xiangxun Lisi
 say not believe
 Zhangsan says that he doesn't believe Lisi.

Zhang argumenta que embora o italiano e o chinês permitam *pro* sujeitos, naquele *pro* sujeitos obedecem a restrições que não se apresentam para *pro* sujeitos em chinês. Enquanto no italiano o conteúdo de *pro* precisa ser recuperado pelos traços de pessoa, gênero e número em *Infl*, o sujeito nulo do chinês em (23) tem as relações de correferência mostradas em

(24), em que NP₁ representa o sujeito da oração matriz e X representa o NP não-especificado.

(24) [s NP₁ V [s' [s *ec* V NP₂]]]

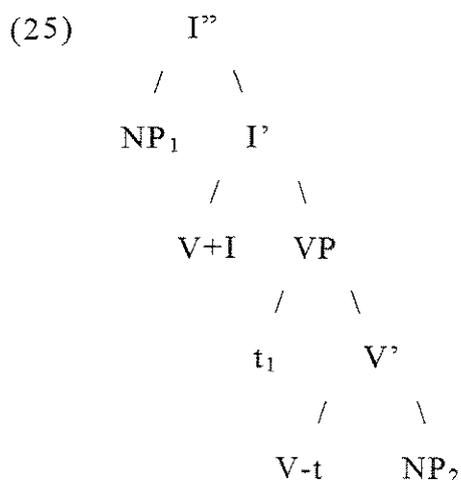
|_____|
X_____|

A autora sustenta que: a) embora em italiano *pro* sujeito seja licenciado por INFL e seu conteúdo, identificado por [*Agr*]; e que: b) *pro* objeto seja licenciado pelo verbo e seu conteúdo identificado atribuindo-se interpretação [+arb] ao papel-teta do verbo, para o chinês não existem restrições semelhantes quando da interpretação de *pro* sujeito ou objeto. *Pro* precisa satisfazer apenas uma condição, segundo a autora: “*it must be free in its GC whether it is in subject or object position*”. (Zhang, 1988: 371)

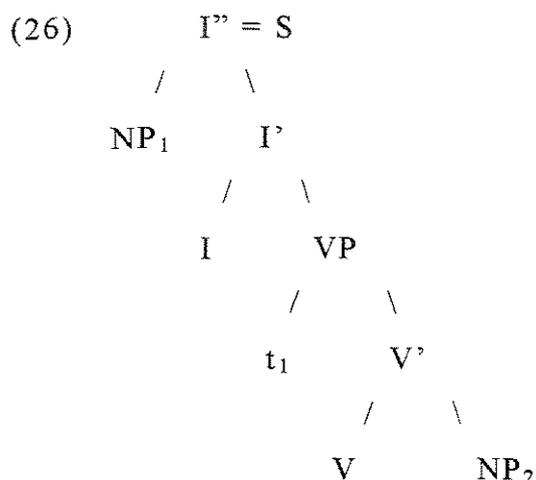
Ao contrário do que afirma Huang (1984) a respeito de *pro* sujeito em chinês, como sendo também licenciado por INFL, Zhang defende que um *Infl* que não contém *Agr* (como no caso do *Infl* do chinês) não pode desempenhar a mesma função de um *Infl* que contém *Agr* (como no caso do italiano) e que, portanto, *Infl* não pode ser considerado um licenciador em chinês. A autora sugere que é V que licencia tanto *pro* sujeito quanto *pro* objeto em chinês, e que isso pode explicar porque *pro* objeto e *pro* sujeito têm propriedades referenciais semelhantes.

A partir da estrutura em (25), e com base na proposta de Koopman & Sportiche (1985), Fukui & Speas (1986) de que os sujeitos são gerados em VP, Zhang propõe, no que se refere a *pro* sujeitos em italiano, que V sobe para *Infl*, formando V+I e que NP₁ gerado dentro do VP move-se para a posição de *Spec* para encontrar a concordância especificador-núcleo.

Dessa forma V+I rege apropriadamente NP₁ e, portanto, licencia *pro* sujeito, cujo conteúdo pode ser recuperado pelos ‘phi-features’ em italiano.



Com relação a *pro* sujeitos no chinês, representado em (26), Zhang assume que não há subida do verbo, já que não há um processo de amalgamação que exija a subida do verbo em chinês. Entretanto, a autora assume que NP₁ precisa subir para *Spec* para receber ‘Caso Abstrato’ e, ao fazer isso, deixa seu vestígio t₁. O NP₁ que foi alçado forma uma cadeia com seu vestígio t₁ [NP₁, t₁], satisfazendo a regência por antecedência. Zhang sugere que V governa devidamente t₁ que forma uma cadeia com NP₁ na posição de *Spec* e que portanto V licencia *pro* sujeitos.



3.1.2 Línguas com apenas uma pessoa gramatical

De acordo com Kato (no prelo) línguas como o chinês e o japonês, consideradas como línguas que não apresentam qualquer concordância verbal (cf. Huang, 1984), apresentam concordância verbal de uma só pessoa gramatical, que é a forma não marcada de terceira pessoa do singular.

Considerando que em japonês as formas utilizadas para se referir às três pessoas do discurso são formas de tratamento, essa língua pode ser referida como tendo pessoas distintas no discurso, mas apenas uma pessoa gramatical: a terceira, que é própria dos nomes. Uma vez que não há distinção de pessoa e que há apenas uma forma não marcada no paradigma, Kato propõe para o japonês e o chinês a existência de *Agr* zero, da mesma forma que acontece para a terceira pessoa do singular nas línguas românicas. Propõe, finalmente, que:

“All languages have Agr somewhere in the grammar. The so-called languages without Agr are the ones that have a

one-person Agr, which is the unmarked third person singular. (p.36).

3.2 Sujeito Nulo no Português Brasileiro

Nessa sessão, procedo à descrição do sujeito nulo no PB, com a finalidade de demonstrar o tipo de sujeito nulo que deverá ser adquirido por Johnny.

Segundo Figueiredo Silva (1996), o PB é uma língua de sujeito nulo atípica. Isso se deve a uma mudança paramétrica que ocorreu ao longo do século passado no português do Brasil, distanciando a sintaxe da nossa língua falada da sintaxe do português europeu. Em decorrência da perda do traço [pessoa] na concordância, este núcleo perdeu a capacidade para identificar *pro* localmente. Segundo a autora, o sujeito nulo do PB pode ocorrer livremente, nos mesmos contextos que um pronome lexicalmente realizado, quando não tem significado referencial (expletivos ou sujeitos temáticos com interpretação genérica) como pode ser observado nos exemplos abaixo (cf. p.123). p:123):.

- (27) a. Parece que o João passou por aqui.
 b. *Isso/ele parece que o João passou por aqui
- (28) a. Choveu a noite inteira.
 b. *Isso/ele choveu a noite inteira
- (29) a. Ela não usa mais chapéu.
 b. Não usa mais chapéu. (significando não se usa mais chapéu)

Quanto aos nulos com interpretação referencial, estes têm distribuição restrita nos níveis da sentença e do discurso devido a uma necessidade de

a categoria vazia buscar identificação através de algum tipo de ligação com o sistema CP. Essa ligação vai impedir que o sujeito nulo esteja presente em vários contextos encaixados e em contextos matriz nos quais CP esteja preenchido por outros elementos, como nos casos de extração ou topicalização, conforme os exemplos abaixo, citados pela autora (p.120).

- (30) a. Comprei um carro ontem
 b. *O que (que) *cv* comprei ontem?
 c. Eu, o que (que) *cv* comprei ontem?

Segundo a autora, em (30) percebe-se que quando CP encontra-se preenchido, o sujeito nulo referencial passa a ser agramatical, a não ser que seja correferencial com um tópico em CP.

Podemos encontrar, também, alguns sujeitos nulos em frases encaixadas, mas segundo Figueiredo Silva eles não têm independência referencial, sendo obrigatoriamente co-referentes ou com o sujeito da frase matriz ou com um tópico lexicalmente realizado na frase ou no discurso imediatamente precedente. Com os exemplos em (31), a autora (cf. p19) ilustra essas duas possibilidades.

- (31) a. O João_i disse que *cv*_i comprou um carro
 b. A Maria_i, o João disse que *cv*_i comprou um carro

Os resultados do trabalho de Duarte (1995) sobre o parâmetro do sujeito nulo evidenciam que “*o português brasileiro perdeu a propriedade que caracteriza as línguas de sujeito nulo do grupo pro-drop*” (p.141), em virtude do enfraquecimento da flexão verbal, responsável pela identificação da categoria vazia sujeito em línguas que apresentam uma

morfologia verbal suficientemente “rica” para tal processo. Entretanto, essa perda não está totalmente concluída, segundo a autora, uma vez que no PB atual ainda existem características *pro-drop* na língua falada.

A autora, analisando o parâmetro *pro-drop* no português europeu, constata que há uma “*predominância de ocorrência de sujeitos nulos sobre os plenos, em diferentes contextos sintáticos e em todas as pessoas gramaticais*”(p.8)

Os resultados do seu trabalho mostram que no português europeu:

- a) o sujeito nulo é a opção preferida em todas as pessoas do discurso.
- b) independentemente do tipo sintático de oração, com exceção das orações relativas, predomina a opção pelo sujeito nulo.
- c) o traço [-animado] do referente de terceira pessoa condiciona o uso do sujeito nulo.

Com relação ao português brasileiro, Duarte (1993) observa os efeitos da simplificação da flexão verbal do PB, que tem como causa a perda das formas *tu e vós* e com base em textos escritos para o teatro (entre 1845 a 1992) chega aos seguintes resultados:

- A perda gradual da opção pelo sujeito nulo no PB pode ser atribuída à redução dos paradigmas flexionais.

Com a perda da segunda pessoa direta, o uso do sujeito nulo cai de 69% em 1918 para 25% em 1937.

- A mudança não atua uniformemente por todas as pessoas gramaticais.

Enquanto a primeira pessoa apresenta apenas 18% de ocorrência de sujeito nulo em 1922, a terceira pessoa é a menos afetada, já que a ocorrência de sujeito nulo se mantém acima de 50%.

Para ela, o fato de a primeira e segunda pessoas estarem perdendo a opção pelo sujeito nulo e a terceira pessoa continuar exibindo esse tipo de sujeito, leva à constatação de que *“teremos cada vez menos sujeitos nulos referenciais licenciados por AGR”* e que no que diz respeito à terceira pessoa, a identificação do sujeito nulo está relacionada à sua coindexação com um SN presente no contexto discursivo ou em estruturas subordinadas com sujeitos correferentes.

A partir dessa análise, Duarte (1995) conclui que *“os casos de sujeitos nulos identificados por AGR no PB são residuais e sugerem um período de transição de língua pro-drop para língua não pro-drop”*(p.23).

Para ela, o sujeito nulo no português do Brasil não se encontra mais em distribuição complementar com o pronome pleno, como acontece no italiano, no espanhol e no português europeu, mas apenas como uma opção que se realiza cada vez menos. Essa constatação leva a autora a concluir, a partir dos dados de sua pesquisa (Duarte, 1995), que *“o português do Brasil perdeu o Princípio ‘Evite Pronome’ e caminha, em consequência dessa perda, na direção das línguas não-pro-drop* (op.cit.:30).

Assim, as estruturas que abrigam o sujeito nulo passam a ser usadas cada vez menos em favor das que exibem o pronome pleno. Dessa forma, os dados a que a criança estará exposta, durante o período de aquisição, exibirão cada vez menos o sujeito nulo. E como a criança se baseia em evidência positiva para fixar os parâmetros de sua língua, *“é natural*

esperar que cada geração vá fazendo suas reanálises diacrônicas até a refixação do parâmetro”(p.31).

Em sua pesquisa, procura exatamente observar, com base no parâmetro do sujeito nulo, de que forma se dá o processo de perda gradativa do Princípio “ Evite Pronome” no PB.

A perda do Princípio “ Evite Pronome” estaria relacionada à redução do paradigma pronominal, que tem como consequência a simplificação do paradigma flexional. Na tabela abaixo, apresentada por Duarte (1995:32), podemos verificar a mudança ocorrida no paradigma flexional do PB.

Tabela 2.1 Paradigmas Pronominais e Flexionais em PB

Pess./Nº	Pronome	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1ª sing.	Eu	am o	am o	am o
2ª sing.	Tu	am a s	-	-
	Você	am a	am a	am a
3ª sing.	Ele/Ela	am a	am a	am a
1ª plur.	Nós	am a mos	am a mos	-
	A gente	-	am a	am a
2ª plur.	Vós	am a is	-	-
	Vocês	am a m	am a m	am a m
3ª plur.	Eles/Elas	am a m	am a m	am a m

A substituição da segunda pessoa ‘direta’ representada pelos pronomes *tu* e *vós*, pela segunda pessoa ‘indireta’, que usa as formas verbais de terceira pessoa, é considerada como a causa principal da perda do sujeito nulo, embora a substituição do pronome *nós* pela expressão *a gente*, que também usa a forma verbal de terceira pessoa do singular, tenha sua parcela de contribuição nessa mudança.

De acordo com a tabela apresentada acima, o PB que tinha no Paradigma 1 seis formas distintas passou a ter apenas quatro no Paradigma 2 e no Paradigma 3 apenas três flexões distintas. Com o empobrecimento do quadro flexional, a identificação do sujeito pronominal vazio fica comprometida, uma vez que é feita a partir da desinência verbal.

Partindo de uma análise qualitativa, a autora demonstra que a categoria vazia sujeito que ainda existe em PB é um *pro* licenciado e identificado da mesma forma que acontece nas línguas *pro-drop* românicas.

Embora o sistema de sujeitos nulos seja defectivo, em consequência do empobrecimento do paradigma flexional, o sujeito nulo é encontrado nos mesmos contextos onde é obrigatório o sujeito nulo nas línguas *pro-drop* românicas, “*o que existe, pois, é uma diferença quantitativa decorrente da perda da obrigatoriedade de omitir o pronome*” (p.33).

Duarte (1995) analisa a fala de 13 informantes cariocas com formação universitária, cuja faixa etária varia entre 25 a 75 anos, com relação à posição de sujeito em sentenças com tempo que incluem os sujeitos de referência definida e arbitrária, e apresenta os seguintes resultados:

Embora um percentual expressivo de sujeitos nulos tenha sido encontrado nos dados analisados, o PB perdeu as principais características de língua de Sujeito Nulo, já que nas amostras analisadas não há contextos em que o uso do sujeito nulo seja obrigatório. No lugar da complementaridade entre pronomes plenos e nulos de terceira pessoa para línguas como o italiano, o espanhol e o português europeu, verificou-se para o PB uma possibilidade de *opção* pela forma plena ou nula, com preferência pela forma plena.

As estruturas com material em Spec de CP foram identificadas como as que mais rapidamente passaram a exibir o sujeito pronominal pleno. Como os mais fortes contextos de resistência ao avanço do sujeito pleno foram observados a terceira pessoa, as sentenças com o pretérito perfeito, a presença de um referente bem estabelecido no contexto discursivo e a correferência entre sujeitos de estruturas subordinadas.

Quanto às construções com duplo sujeito, ou seja, construções que retomam um referente esperado e próximo, estas são consideradas como muito importantes no processo de mudança de língua *pro-drop* para língua não-*pro-drop*, já que as primeiras não permitem o uso de tais construções (cf. Duarte, 1995). Os dados da sua pesquisa revelam, como demonstro nos casos abaixo, que a construção com Duplo Sujeito já está completamente encaixada no contexto da mudança.

Construções com duplo sujeito:

- na primeira pessoa do singular, com ou sem elementos intervenientes:

(32) **Eu, eu** sinto demais isso, né?

(33) **Eu** às vezes **eu** peço a ele pra ir comprar o jornal pra mim...

- na primeira pessoa do plural, com preferência pelo uso da expressão **a gente**:

(34) **A gente** na faculdade de Letras, **a gente** não tem condição de...

- com o pronome **você**, **a gente** e **eles** para expressar referência indefinida:

(35) **Você**, quando você viaja, **você** passa a ser turista. Então você passa a fazer coisas que você nunca faria no Brasil.

(36) E **a gente**, não sei se por comodidade, né, **a gente** não acreditava que isso pudesse acontecer.

(37) Aí **eles** parece que **eles** estão na escuta disso, né?

Dado o exposto, pude observar que línguas *pro-drop* não constituem um tipo único. Assim, a descrição do PB e do chinês é importante para verificar em que momento Johnny passa do sistema chinês (considerado também o “default”) para o sistema do PB.

3.3 Comparação do sujeito nulo do chinês e do PB.

Como vimos no capítulo 3, para Jaeggli & Safir (1989), apenas línguas que apresentam paradigmas verbais morfologicamente uniformes, isto é, paradigmas verbais constituídos só de formas derivadas ou só de formas primitivas podem exibir sujeitos nulos.

O chinês é uma língua cujo paradigma verbal é constituído apenas de formas verbais primitivas (o radical). Não existe nessa língua um sistema visível de concordância com traços de número e pessoa. O sujeito nulo do chinês, ao contrário do sujeito nulo de línguas como o espanhol e o italiano que contam com um sistema flexional “rico”, não pode ser licenciado e identificado por *Agr*. Kato (no prelo) propõe, para línguas do tipo do chinês e japonês, um *Agr* nulo do mesmo tipo encontrado na terceira pessoa do singular de línguas românicas, com a diferença de que enquanto no chinês o *Agr* nulo pode ter como antecedente qualquer pessoa

do discurso, o *Agr* nulo do espanhol tem como antecedente apenas a terceira pessoa do singular e, o do PB, a segunda e terceira pessoas do singular.

Contando apenas com uma forma verbal, a de terceira pessoa não-marcada, o chinês identifica o sujeito nulo através da correferência deste com um elemento nominal na posição A ou A' que o comanda. Assim, o sujeito nulo de uma oração encaixada pode encontrar o seu antecedente no sujeito da frase matriz, ou, ainda, fora da sentença.

No português brasileiro, embora o sistema de sujeitos nulos seja deficiente em consequência do empobrecimento do paradigma flexional, *“a categoria vazia que ainda temos em PB é um pro, licenciado e identificado segundo os mesmos mecanismos utilizados nas línguas pro-drop românicas”* (Duarte, 1995.:33). Se assumirmos com Kato (no prelo) que a única pessoa que é ainda pronominal é a terceira, a referência do sujeito nulo poderá ser dada por um SN em posição A ou A', como no chinês, ao ainda por um PRO em posição A', no caso do sujeito nulo ser controlado, ou ter leitura arbitrária. No caso da flexão marcada de primeira pessoa como ela está deixando de ser pronominal, a tendência será a co-ocorrência com o pronome fraco.

Do exposto, assumo que Johnny vai adquirir o sujeito nulo do PB, a partir do momento que ele passar a usar formas verbais distintas para a primeira e terceira pessoas do discurso. O que se espera é que Johnny passará rapidamente de sujeito nulo para sujeito não nulo para a primeira e segunda pessoa, permanecendo com a terceira pessoa nula.

4 Análise dos dados

4.1. Análise do desenvolvimento dos padrões na produção de Johnny

4.1.1 Construções com sujeitos pronominais lexicais e nulos

Neste capítulo analisarei como a produção de Johnny evolui no que diz respeito ao parâmetro do sujeito nulo..

Do total de dados, excluí os sujeitos manifestos não pronominais como (38) e as respostas a perguntas *sim/não* do tipo (39), a serem analisadas separadamente na seção 4.1.2.

- (38) **a. Minha irmã** mora outro menina casa (6^a gravação)⁹
b. Esse viagem troca minha vida de intercâmbio (7^a gravação)

- (39) **a.** A: Você foi pro Serra Folia?
 J: **Fui.** (3^a gravação)
b. A: Você trouxe? (música de Hong Kong)
 J: **Trouxe.** (2^a gravação)

⁹ Foram realizadas sete gravações ao todo. Para cada gravação será considerado o tempo de exposição ao PB. Assim, a primeira gravação aconteceu com três meses e vinte e cinco dias; a segunda, com quatro meses e quinze dias; a terceira, com seis meses e oito dias; a quarta, com seis meses e vinte e três dias; a quinta, com sete meses e oito dias; a sexta, com oito meses e dezoito dias, e a sétima, com nove meses e vinte e cinco dias.

Do total de sujeitos pronominais, 27,1% são de sujeito nulo. Os sujeitos nulos encontrados podem ser referenciais ou não-referenciais. Os referenciais podem ser dos seguintes tipos:

- a) sujeito de expressão formular como em (40)
- b) sujeitos de verbo não-marcado, com referência de segunda ou terceira pessoa do discurso como em (41)
- c) sujeitos de verbo não-marcado, com referência de primeira pessoa do discurso como em (42)
- d) sujeitos de verbos marcados em pessoa (primeira pessoa do discurso) como em (43)

Os não referenciais podem ser:

- e) de referência arbitrária como em (44)
- f) expletivos de construção impessoal como em (45)

4.1.1.1 Sujeitos referenciais

a) De expressões “formulares”

(40) 1ª gravação

- a. In Hong Kong eu não sei falar português. *cv não sei*
- b. Meu granfather, grandmother não sei como fala chinês , ah...*cv não sei* como fala inglês
- c. J: Eu sei quando é the festa, mas ... outros ... eh... in brasileiro eh... american *cv não sei*.
A: Ah... tá certo.
J: *cv não sei*.

2ª gravação

d. Hum... isso a story de ... *cv não sei* como fala

e. A: Como é que ela está?

J: *cv não sei*.

f. A: O que é isso?

J: *cv não sei*.

g. *cv não sei*, *cv não sei* como dança.

3ª gravação

h. Ela...ela falou ela vem, mas *cv não sei*

i. A: E seu amigo fala inglês?

J: Também não. *Ele não sei. cv sei nada*

j. A: Então você vai embora em junho ou julho?

J: Ah... *cv não sei* muito porque...eh...mais ou menos June

l. *cv não sei* como pra casa.

m. A: Mas aqui tem festa no Ano Novo.

J: Hum, hum. Mas eu não sei, em Salvador, *cv não sei*...

4ª gravação

n. *cv não sei* porque eh... eu acho só andar... sem problema

5ª gravação

o. A: E ele mora onde?

J: Eh... perto de aqui, mas *cv não sei*.

p. A: Quem é ele?

J: *cv não sei*. Eu não conhece ele.

6ª gravação

q. A: Então você tá indo embora quando?

J: Eh... agora *cv não sei* que dias, mas, mais ou menos na junho.

A: Mas você não sabe o dia.

J: *cv não sei* dias.

r. A: Você não dançou?

J: Eu não sei dançar forró. *cv sei não*.

s. A: Por que então que ele chamou você?

J: *cv sei não*)

7ª gravação

t. Mas eu também não fui trocar família. *cv não sei* porque. Tudo falou: “Você, Johnny, você é doido! Sua família é muito chata. Por que você não troca família?” *cv sei não* porque.

u. *cv não sei* como pega ônibus, *cv não sei* sair sozinho.

De um total de cento e dez frases com expressões formulares, vinte e cinco (22,7%) apresentam sujeito nulo, e oitenta e cinco (77,3%) apresentam sujeito pleno. Em (40i) *não sei* aparece com o sujeito *ele*, mostrando que se trata de um uso formular. Em (40r,s,t) nota-se que houve variação com relação à forma de negação. Vale ressaltar que não foi encontrado um só caso de sujeito nulo com a expressão *eu acho*.

A partir da quarta gravação, percebe-se um aumento no percentual de sujeitos preenchidos, com exceção da quinta gravação, em que o percentual caiu de 94,7% para 75%. Veja a tabela a seguir:

Tabela 1

Sujeitos de expressões “formulares”				
Gravação	Nulos		Plenos	
	Ocorrência	%	Ocorrência	%
1 ^a	4	28,6	10	71,4
2 ^a	5	41,7	7	58,3
3 ^a	5	31,2	11	68,8
4 ^a	1	5,3	18	94,7
5 ^a	2	25	6	75
6 ^a	4	19	17	81
7 ^a	4	20	16	80

b) Sujeito de verbo não-marcado, com referência de 2^a ou 3^a pessoa do discurso

(41) 2^a gravação

- a. Meu pai é chato porque ele não fala muito de mim, *cv* não *falou* muito.
- b. A: O que é isso?
J: A mulher, mas *cv* não *tem* camisa.
- c. A: O príncipe, filho de quem?
J: *cv* é filho de Diana.

4^a gravação

- d. Minha mãe de Brasil conversa com meu irmão, irmã e eu, *cv* *fala* que dias você pra casa mais cedo, que dias não pode sair.
- e. ... mas esse ônibus, polícia vi e aí *cv* *pega* menino.

6ª gravação

- f. Meu amigo segurou menina e *cv dança* forró.
 g. Trabalha som. Mas, tem festa, ele vai trabalhar. Não tem, *cv fica* em casa.
 h. Jacob sabe, porque Jacob é vinte anos. *cv é* brasileiro.

7ª gravação

- i. Ele tá muito *no* feliz. *cv não fala* coisa pra mim, dois dias ou três dia.

Para esse tipo de sujeito foram encontradas nove ocorrências de sujeito nulo (8,1%), contra cento e duas ocorrências de sujeito pleno, como mostrado na tabela abaixo. Não foi encontrado um único caso de nulo para a segunda pessoa. Quanto às ocorrências de sujeitos plenos, oitenta aparecem com o pronome de terceira pessoa e vinte e duas, com o pronome de segunda pessoa.

Tabela 2

Suj. de verbo não-marcado/ referência de 2ª ou 3ª pes. do discurso		
Gravação	Nulos	Plenos
	ocorrência	Ocorrência
1ª	0	7
2ª	3	17
3ª	0	10
4ª	2	13
5ª	0	12
6ª	3	18
7ª	1	25

c) Sujeitos de verbo não-marcado, com referência de primeira pessoa do discurso.

(42) 2ª gravação

a. *cv* só *foi* Jauá and Barra.

b. A: E televisão? O que você assiste na televisão?

J: Eh... *cv assiste* televisão eh... Domingo.

3ª gravação

c. A: Dançou muito, né?

J: Hum, hum. *cv conhece* muito ... ah... amigo, amiga.

d. A: Mas você vai fazer outras viagens?

J: Eu acho não. Eh... eu acho não, porque... todo dia *cv vai* aula...eh... 9 de fevereiro.

e. Quando eu viajar, quando eu fui viajar, todo dia *cv sai* festa e aí, muito cansado, na Ano Novo eu fui dormir.

4ª gravação

f. Mas eu só foi eh...Barra, *cv fica* em Barra e aí..

g. De manhã eu fui eh... casa de amigo e aí pra escola. Depois escola eh... *cv conversa* com colega e aí pra casa

h. A: E durante a semana, o que é que você fica fazendo em casa?

J: Hum... sim... *cv só fica* em casa, eh... televisão, eh... fita de filmes, só isso.

i. Também trabalha tudo à noite and eu posso eh... vai beber cerveja or eh... *cv vai* festa, mas festa na Hong Kong não tem muito eh... dança.

j. (...) porque eu, todo dia eu tem muita cosa de fazer, *cv não tem* tempo vai prédio.

5ª gravação

k. (...) mas quando eu sai com meu amigo, *cv pode* fazer muito brincadeira maluco.

l. A: Fez muita amizade, né? Conheceu muita gente?

J: Sim, mas tem muito gente não tem telefone. Eh... só “Hi, tudo bom?” Pessoa de eh... rua, mas *cv não tem* telefone, *cv não tem* endereço.

m. A: Então me conte o que você fazia, conta pra mim

J: Eu... eu fazer eh...eu namoro...*cv fica* com eh... menina, bebo muito, muito, muito cerveja.

6ª gravação

n. A: Na sua casa você só falava chinês?

J: Isso.

A: E na escola?

J: *cv falava* inglês.

o. A: E você foi pra praia também?

J: Não, mas esse fim de semana talvez *cv vai* eh... Praia do Forte.

p. Semana atrás, eu fui casa dela e *cv conversa* com ela.

q. A: Quando você quer sair, ele diz: “Johnny, não sai!” Você tem que ficar em casa?

J: Não. Não, porque antes eu tem problema com eles. Agora, *cv sai*.

7ª gravação

- r. Eu vim Brasil primeira vez dia cinco. Primeira vez *cv saiu* da minha família, *cv vai* a país ninguém conhece de mim.
- s. Primeiro mês e segundo mês também, *cv só fica* na casa e *cv* sai escola e *cv vai* pra escola, só.

Quanto aos sujeitos nulos de verbo não marcado com referência de primeira pessoa do discurso, verifiquei nos dados, como mostro na tabela 3, trinta ocorrências de sujeito nulo (22%), contra cento e seis casos de sujeito preenchido. Na primeira gravação não houve nenhum caso de sujeito nulo.

Tabela 3

Suj. de verbo não-marcado/ referência de 1ª pes. do discurso		
Gravação	Nulos	Plenos
	Ocorrência	Ocorrência
1ª	0	15
2ª	2	26
3ª	3	6
4ª	5	12
5ª	6	23
6ª	7	8
7ª	7	16

d) **Sujeitos de verbos marcados em pessoa (primeira pessoa do discurso):**

(43) 2ª gravação

a. A: Que filme você assistiu?

J: Ah... *cv esqueci*... nome... nome *cv esqueci* de nome de filme

3ª gravação

b. A: Lá em Recife você foi ver algum grupo de rock?

J: Também tem, mas eu não fui. *cv Não fui*

c. A: Mas se você não está gostando, você pode pedir pra trocar

J: *cv Posso*, mas....

d. *cv Não fui* praia, e aí não muito preto.

5ª gravação

e. A: Que dias você saiu no carnaval?

J: Ah... mais ou menos tudo dias, mas final eu não fui eh...
primeiro dia eu não fui eh... por que primeiro dia não *cv fui?*
eh...

f. Aqui, (mostrando uma foto) esse tudo é intercâmbio de outros país.
Só ela é brasileiro, mas F., alemão. Ele é austrália, mas *cv esqueci*
nome. Não, ele é belga, eu esqueci nome. Alemão eh.. também.
Também *cv esqueci*, mas...

g. A: Esse daqui é quem?

J: Alemão também, mas *cv não lembro* ele nome porque ele não in
Bahia...

h. A: Então me conte o que você fazia, conta pra mim

J: Eu... eu fazer eh...eu namoro... fica com eh... menina, *cv bebo* muito, muito, muito cerveja.

6ª gravação

i. A: Mas, e a escola? Me conte da escola.

J: Ah... escola. Agora, semana só um ou dois dia pra escola, porque *cv preciso* não.

j. A: Você mora muito longe?

J: Federação. Mas tudo *cv preciso* pegar ônibus.

l. A: Você já foi lá?

J: Eu fui perto lá. *cv não fui* casa dele.

7ª gravação

m. Mas, nenhum problema porque quando eu na casa, também *cv não posso* aprender português muito boa porque minha família daqui sabe inglês.

n. Mas os problemas, por exemplo, *cv não saio* muito...

o. Segundo dia eu fui sair bloco. Terceiro também. Depois, *cv não fui* sair bloco. Só pipoca na rua.

p. Na Bahia tem doze intercâmbio mais ou menos, mas eu não conheço todo mundo porque *cv não fui* viajar com AFS muito.

q. Tem a viagem de intercâmbio, mas *cv fui* não.

Os sujeitos nulos de verbo marcado em pessoa somam um total de vinte e nove (12,9%), contra cento e noventa e seis casos de sujeitos plenos (87,1%). Veja na tabela abaixo a distribuição desses sujeitos em cada gravação:

Tabela 4

Suj. de verbo marcado em pessoa/referência de 1ª pessoa do discurso		
Gravação	Nulos	Plenos
	Ocorrência	Ocorrência
1ª	0	5
2ª	2	12
3ª	3	27
4ª	0	17
5ª	10	32
6ª	7	23
7ª	7	80

Do total de trezentos e sessenta e um verbos usados para se referir à primeira pessoa do discurso, duzentos e vinte e cinco (62,3%) aparecem com pessoa marcada. Destes, vinte e nove (12,9%) aparecem com sujeito nulo e cento e noventa e seis (87,1%) aparecem com sujeito preenchido.

Observando a tabela 5 que mostra, em cada gravação, o número de ocorrências de verbo com pessoa marcada para a primeira pessoa do discurso, e o número de ocorrências de pessoa verbal não-marcada, também para a primeira pessoa do discurso, fica evidente o fato de que, à medida que aumenta o tempo de exposição de Johnny ao PB, ele vai se aproximando cada vez mais do sistema gramatical dessa língua. Isso pode ser verificado a partir dos índices percentuais encontrados em cada gravação. Assim, vemos que o percentual de verbos com pessoa marcada, que na primeira gravação corresponde a 25%, salta para 79,1% na sétima.

Tabela 5

Verbos com referência de primeira pessoa				
Gravação	Pessoa não-marcada		Pessoa marcada	
	Ocorrência	%	Ocorrência	%
1 ^a	15	75	05	25
2 ^a	28	66,7	14	33,3
3 ^a	09	23,1	30	76,9
4 ^a	17	50	17	50
5 ^a	29	40,8	42	59,2
6 ^a	15	33,3	30	66,7
7 ^a	23	20,9	87	79,1

4.1.1.2 Sujeitos não referenciais

a) De referência arbitrária

(44) 1^a gravação

- a. Como *cv* fala *adult* em português?
- b. como *cv* fala *developing country*?
- c. Tudo é chinês. *cv escreve* igual, mas...

2^a gravação

- d. Chinês tem muito language eh... diferente, mas *cv escreve* eh... tudo igual.

3^a gravação

- e. Eh... dezesseis, também não pode, mas quando você compra, *cv bebe* na casa sem problema.

4ª gravação

- f. Minha mãe de Brasil, eh...conversa com meu irmão, irmã e eu, fala que dias você pra casa mais cedo, que dias *cv* não *pode* sair e...

Com relação a sujeitos não referenciais, foram encontrados, nos dados, apenas seis casos de sujeito nulo de referência arbitrária. Encontrei nove casos de sujeito arbitrário preenchido com o pronome *você*, mas nenhum caso de sujeito arbitrário com a expressão *a gente*.

Tabela 6

Sujeitos de referência arbitrária		
Gravação	Nulos	Plenos
1ª	3	2
2ª	1	1
3ª	1	4
4ª	1	1
5ª	0	0
6ª	0	0
7ª	0	1

b) Sujeitos expletivos de construção impessoal

(45) 1ª gravação

a. A: me fale da sua família daqui do Brasil

J: Hum...*cv* tem...eh ... um irmã, pai, mãe e dois irmão

b. Aqui *cv* tem foto de Japão

c. Mas aqui *cv* tem a família, família de eh... Hong Kong.

d. Porque em chinês *cv* não tem *is*.

- e. In the dicionário, aqui **cv** tem dois pronunciação.
- f. In Hong Kong **cv** tem muito arroz.
- g. Mas **cv** tem outros eh... escola de ... adult.

2ª gravação

- h. Eh... assiste televisão eh... domingo quando meu família não vai... não foi viajar ou paria, eh... eu assiste televisão, mas eh... domingo eh... **cv** não tem muito eh... televisão é chato
- i. Mas in... the prova... prova de inglês, **cv** tem português
- j. In chinês **cv** não tem future tense.

3ª gravação

- k. A: Mas João Pessoa eu não conheço. É bonito lá?
J: É bonito lá. **cv** tem a praia muito, muito grande
- l. Mas à noite só **cv** tem cerveja, só cerveja. À noite só bar.
- m. Também **cv** tem muito nomes não sei.

4ª gravação

- n. Ela não mora com os família. Lá **cv** não tem telefone.
- o. Agora, mais português, mas também **cv** tem inglês.

5ª gravação

- p. A: Como é o nome do seu amigo?
J: Domingos. Aqui **cv** tem a foto dele.
- q. A: E esse aqui?
J: **cv** É trio de government Bahia, governo da Bahia.

6ª gravação

r. A: Você não tá ligando pra estudar não, né?

J: Não. Mas, porque agora só *cv* tem dois meses. Eu acho brincadeira primeiro.

s. Ah... mas, dois meses depois, eu pra Hong Kong. *cv* tem problema não.

7ª gravação

t. Primeiro dia eu não fui porque minha mãe falou: “Coisa chato só. *cv* não tem mais coisa interessante.”

u. Mas *cv* tem outro problema, outra problema.

v. E aí ele falou: “*cv* não tem mais ou menos.”

Como pude exemplificar em (45), o sujeito nulo expletivo de construção impessoal é categórico. Prova disso é que não houve diferença entre as gravações. No *corpus* total, foram observados oitenta e um casos, que correspondem a 100%.

4.1.2 Padrões de respostas *sim/não*

Kato e Tarallo (1992) mostram que os padrões sintáticos das respostas curtas são um lugar de “trigger” para a aquisição, pois mostram, entre outras coisas, se a língua é de sujeito nulo ou não, se é de objeto nulo ou não, se tem movimento de V-para-I, etc.

Assim, no que se refere às respostas curtas do inglês (língua de sujeito não-nulo), a presença do pronome sujeito é categórica, como se pode ver nos exemplos abaixo:

(46) **a.** Did you see Mary?

Yes, I did.

*Yes, did.

b. Have you seen Mary?

Yes, I have.

*Yes, have.

Kato e Tarallo mostram que a presença dos argumentos lexicais do verbo, em respostas curtas, varia de língua pra língua. No inglês, se a forma sentencial da resposta exhibe apenas o auxiliar, como em (46), há elipse de VP, mas se o verbo for usado, como em (47), há uma obrigatoriedade da presença dos seus argumentos (sujeito e objeto). No francês, como a forma sentencial não pode ser elíptica, a presença do sujeito e do objeto em (48) é obrigatória. O italiano apresenta sujeito elíptico, mas exige a presença do clítico objeto como em (49). No Japonês, o sujeito e o objeto são categoricamente nulos, como pode ser observado em (50). No português do Brasil, o pronome sujeito pode estar presente, mas o objeto, na maioria das vezes, encontra-se ausente como em (51). Os exemplos abaixo são de Kato e Tarallo (1992: 260).

(47) Have you seen John?

Yes, I have.

Yes, I have seen him.

(48) Est-ce que tu as vu Jean?

Oui, je l'ai vu.

(49) Hai visto Gianni?

Si, lo ho visto.

(50) Jun-o mimashita-ka?

Hai, mimashita.

(51) Você viu o João?

Sim, (eu) vi.

Para os autores, portanto, a obrigatoriedade da presença do pronome objeto em respostas curtas no italiano e no francês, é devida ao fato de que essas línguas possuem um sistema rico de clíticos. Quando o verbo sobe para I, a ele se cliticizam os seus argumentos. Dessa forma, o verbo com seus clíticos aparece como núcleo da resposta curta como mostrado em (48) para o francês, e em (49) para o italiano. Como o português do Brasil possui um sistema empobrecido de clíticos, é possível a resposta breve ter como núcleo apenas o verbo, como acontece no japonês, língua que não tem clíticos.

No inglês, como mostram Kato e Tarallo, não há subida do verbo de V para I. Isso explica porque a resposta breve (*Yes, I like) é agramatical. O verbo em inglês não pode ocupar a posição de núcleo. Como só os auxiliares e os modais têm esse movimento, são encontrados na posição de núcleo como mostrado em (47).

Assim, no chinês e no PB tanto o sujeito quanto o objeto podem estar ausentes em sentenças com tempo. Os exemplos abaixo, apresentados no

item 3.1, como em (11) e (12) e retomados como (52) e (53) para maior clareza, são do chinês. (cf. Huang, p: 187).

(52) Zhangsan kanjian Lisi le ma?

Zhangsan see Lisi ASP Q

Did Zhangsan see Lisi?

(53) a. (ta) kanjian (ta) le.

he see he Perf

(He) saw (him).

b. Wo xiang (ta) kanjian (ta) le.

I think he see he Perf

I think (he) saw (him).

Quanto ao PB, Kato e Tarallo (1992), mostram que os dados de sua pesquisa atestam o caráter quase que categórico da ausência do sujeito nas respostas curtas: 96,6% de nulos contra 3,4% de sujeito expreso (p 273). Segundo os autores, embora o pronome sujeito possa se manifestar em respostas curtas, o objeto é quase sempre elidido.

Oliveira (1996), no entanto, analisando dados de crianças adquirindo o PB como língua materna, verificou que o sujeito nulo não se apresenta de forma categórica nas respostas curtas. Embora tenha sido encontrado um maior número de ocorrências do emprego apenas do verbo, nestes contextos, exatamente como ocorre na fala do adulto, foi detectado também a presença do sujeito lexicalmente visível, prova de que o PB está efetivamente perdendo o sujeito nulo lexical, conforme pesquisa de Duarte (1993,1995). Segundo Oliveira, as respostas afirmativas com sujeito foneticamente realizados se comportam como frases declarativas

na medida em que retomam toda ou quase toda a estrutura da interrogativa. Ainda, outra forma de resposta afirmativa encontrada nos dados das crianças analisadas, diz respeito à cópula *É*¹⁰ que aparece como resposta afirmativa quando a interrogativa, proferida pelo adulto, retoma o enunciado da criança.

Kato (1995a), estudando a aquisição de respostas curtas no PB, mostra que na fala da criança, a flexão finita aparece primeiro em contextos de respostas curtas. As primeiras ocorrências de verbos finitos, entretanto, apresentam violação de concordância e apresentam sujeito nulo, exceto nos casos em que a repetição da forma verbal encontrada na pergunta esteja de acordo com a resposta esperada. Veja os exemplos em (54) retirados de (Kato, 1995a. 129)

(54) a. M: Vamos ver se a gente acha a cabeça?

R: Vão.

b. M: Você quer?

R: Qué.

c. M: Ah, cê vai por na caixinha?

R: Vai.

d. M: Onde cê vai? Vai na escola?

R: Vai.

Kato (1995a) observou que uma segunda fase de aquisição é aquela em que a primeira pessoa é usada em respostas a perguntas feitas em terceira, como em (55) (op. cit.: 132).

(55) a. M: Vai pô na boneca?

R: Vô.

¹⁰ Nos processos de mudança, a cópula é um lugar de resistência à mudança.

b. M: Cê conta?

R: Conto.

A autora mostra ainda que a

“consciência da flexão finita como um elemento cumulativo da concordância, entretanto, parece ser um pouco posterior, pois a co-ocorrência do pronome com o morfema de concordância não aparece de imediato” (Kato, 1995a.132).

(56) a. R: Eu vou por, vou por aqui.

b. R: Eu vou jogá.

c. R: Agora eu vou feçá.

Isso posto, vejamos como Johnny, o sujeito desta pesquisa, comporta-se em relação às respostas curtas:

1ª gravação

(57) a. A: Mas se você falar chinês em qualquer lugar da China, as pessoas vão entender você?

J: Entender

b. A: Eu quero voltar a conversar com você dentro de dez, quinze dias. Tá certo?

J: Ah... eu quero

Nos dois exemplos acima, Johnny repete o verbo da pergunta.

2ª gravação

(58) a. A: O que você gostaria de fazer nas suas férias? Você gostaria de passear, viajar, conhecer outras cidades do Brasil?

J: Gosto, eu gosto.

b. A: Tem alguma história interessante lá do colégio que você queira me contar?

J: Eu quero

c. A: Vocês têm ópera em Hong Kong?

J: Tem

A: Você vai?

J: Oh, eu fui

(59) a. A: Você foi nadar? Não. Correr?

J: Correr

b. A: Ele corre?

J: Ele corre

c. A: Você não vai muito ao cinema?

J: Eh... Eu , eu vai muito

d. A: Lá não pode?

J: Não pode

e. A: E se um amigo for te buscar, ele deixa você sair?

J: Hum, hum.

A: Deixa?

J: Deixa

f. A: Só vai em Jauá?

J: Só vai Jauá

g. A: Você trouxe?

J: Trouxe

A: Por Brasil?

J: Eu trouxe pro Brasil

A: CD de Hong Kong?

J: Sim

h. A: Você tem disco dos Beatles?

J: Hum... eu tem CD and cassete dos Beatles

(60) A: Você não lembra de nenhum filme pra me contar?

J: Eh... não lembro muito

As ocorrências em (58) são exemplos de casos em que não há concordância temporal entre pergunta e resposta, o que pode indicar que o uso é formular como *não sei*, *acho*, etc. Em (59), temos exemplos de extração do verbo finito na mesma forma em que aparece na pergunta. O exemplo (60) mostra mudança de pessoa, ou seja, Johnny responde com a primeira pessoa a pergunta feita em terceira.

3ª gravação

(61)a. A: Você gostou da praia?

J: Eu gostei

b. A: Você gostou da viagem?

J: Eu gostei muito

c. A: Você vai pra universidade no ano que vem?

J: Eh... eu vou

d. A: Você foi pro Serra Folia?

J: Fui.

e. A: Mas você pulou, brincou, dançou?

J: Sim, fui

f. A: Essa é Luciana. Você lembra dela?

J: Lembro. Conheço

(62)a. A: E você pulou carnaval?

J: Ah... eu vai, eu vou

b. A: E você achou bom?

J: Dança muito

c. A: Você tem falado com seus pais lá em Hong Kong?

J: Ah... fui

d. A: Teve festa lá?

J: Tem festa

e. A: E tinha alguma banda tocando? Algum trio elétrico?

J: Hum... não conhece

f. A: Você pegou o telefone dela?

J: Tem. Endereço também

(63) A: Ele sabe, né?

J: Sabe. Ele sei

Os exemplos em (61) mostram que Johnny usa a primeira pessoa para responder a perguntas feitas na terceira, sendo que em (a), (b) e (c) ele preenche a posição de sujeito e nos demais exemplos, ele deixa essa posição vazia. As ocorrências em (62) podem indicar falta de concordância temporal entre verbo da pergunta e verbo da resposta, mas alguns como (b) e (f) podem ocultar uso do nulo como sujeito de referência arbitrária (= se dança muito). O exemplo (63), por outro lado evidencia que Johnny, primeiro, extrai da pergunta a forma verbal (sabe) para a sua resposta. Logo em seguida, corrige para a forma de primeira pessoa, embora ainda usando o pronome de terceira pessoa.

4ª gravação

Exemplos de extração literal em que a forma verbal da pergunta é repetida na resposta

(64) A: Você não sai com o pessoal de sua casa? Só vai pra praia? Não vai pra outro lugar?

J: Não sai muito, não sai muito

Exemplos de mudança de pessoa, ou seja, terceira pessoa na pergunta e primeira pessoa na resposta.

(65) a. A: Você gostou da festa?

J: Eu gostei

b. A: Você não foi ontem pro carnaval?

J: Eu não fui

c. A: Sabe onde é a Barra?

J: Sim, eu sei

d. A: Você vai sair em algum bloco aqui no carnaval?

J: Eu acho não

e. A: Conhece Ondina?

J: Não

A: Fica perto da Barra, depois do Rio Vermelho. Lembra que
você foi pro Rio vermelho pra festa de Iemanjá?

J: Eu, eu, eu sei

5ª gravação

Exemplos de mudança de pessoa

(66) a. A: Você namorou no bloco?

J: Não, eu não fui

b. A: Conhece Bel?

J: Ah... eu conheço

c. A: Quem canta nesse bloco?

J: Netinho

A: Gostou desse bloco Beijo?

J: Eu gostei.

d. A: Você viu Carlinhos Brown?

J: Ahn... eu vi. Timbalada

e. A: Você viu o carnaval do Rio de Janeiro na televisão?

J: Sim, eu vi

f. A: Você viu Daniela Mercury?

J: Sim

A: Gostou dela?

J: Gostei

g. A: Que bloco é esse?

J: Hum...

A: Não sabe, né?

J: Não sei

Exemplo em que não há concordância temporal entre pergunta e resposta

(67) A: No final do bloco todo mundo queria rasgar a camisa?

J: Sim. Eu quero mas...

Exemplo de extração de verbo finito na mesma forma da pergunta

(68) A: Você está abraçado com ela aí. É só amiga ou você ficou?

J: Só ficou

6ª Gravação

Exemplos de mudança de pessoa

(69)a. A: Você já foi lá?

J: Eu fui perto lá

b. A: E outras festas, você foi?

J: Não. Não fui mais festa

c. A: Você não dançou?

J: Eu não sei dançar forró. Sei não

Exemplos de extração do verbo finito na mesma forma encontrada na pergunta

(70)a. A: E... bebeu? (Você bebeu?)

J: Bebeu

b. A: Ele não trabalha não?

J: Trabalha som

Exemplo sem concordância temporal entre pergunta e resposta

(71) A: Ela tá gostando da família?

J: Gosta. Ela falou ela gosta

Em resumo, temos o seguinte quadro do desenvolvimento de Johnny em respostas¹¹:

¹¹ A 7ª gravação não fará parte deste quadro. Nessa gravação Johnny faz um relato da sua experiência no Brasil. Não houve, portanto um diálogo como nas outras gravações em que se podia encontrar contextos de pergunta e resposta.

Tabela 7¹²

SUJEITO NULO E PREENCHIDO NO CONTEXTO DE RESPOSTA SIM/NÃO					
Gravação	Resposta Formular	Extração simples		Alternância de pessoa	
		-suj. nulo	+suj nulo	-suj nulo	+suj nulo
1 ^a	---	01	01	----	-----
2 ^a	03	04	05	-----	01
3 ^a	05	----	01	03	03
4 ^a	01	----	01	04	----
5 ^a	01	01	----	05	02
6 ^a	01	----	02	02	01

Observando o quadro acima percebemos que na 1^a gravação, Johnny apresenta apenas duas respostas curtas com verbo. Estas respostas se constróem com a mesma forma verbal da pergunta. Nas demais respostas, aparece ou a partícula *sim* ou o demonstrativo *isso*.

A 2^a gravação evidencia a presença de treze respostas curtas com verbo, entre as quais três se referem a ocorrências que não demonstram concordância temporal entre pergunta e resposta. Das nove ocorrências em que a forma verbal da resposta é a mesma da pergunta, quatro apresentam sujeito preenchido e cinco apresentam sujeito nulo. Há apenas uma ocorrência que evidencia a mudança de pessoa entre pergunta e resposta.

Foram encontrados doze casos de respostas curtas com verbo na terceira gravação. Desta vez, o número de ocorrências com alternância de pessoa supera o número dos casos de extração simples (uso, na resposta, da mesma forma verbal da pergunta). Foram encontrados seis casos de

¹² Não estou considerando nesta tabela o percentual de sujeito nulo e preenchido no contexto de resposta sim/não, mas só o número de ocorrência.

respostas em que Johnny responde com a primeira pessoa verbal as perguntas feitas em terceira. Destas, três apresentam sujeito realizado e três aparecem com sujeito vazio. Houve apenas um caso de extração. Os casos restantes compreendem aqueles que não mostram concordância entre pergunta e resposta e que, portanto, foram considerados como formulares.

Os resultados encontrados até aqui parecem indicar que Johnny passa a apresentar o sujeito nulo do PB a partir da terceira gravação (6;8 de exposição ao PB). Com quatro meses e quinze dias (data da 2ª gravação), ele apresentou cinco casos de sujeito nulo com extração, contra apenas um caso em que houve alternância de pessoa entre pergunta e resposta. Esse resultado indica, ao meu ver, que Johnny, nessa fase, ainda usa o nulo “default” do chinês, só passando ao nulo do PB a partir do momento em que ele é capaz de usar a forma verbal de primeira pessoa para responder a perguntas feitas na terceira.

Na quarta gravação, ou seja quinze dias apenas depois da terceira, Johnny parece já estar utilizando a gramática do PB. Foi encontrado apenas um caso de extração, contra quatro casos em que ele apresenta alternância de pessoa gramatical. Considerando que o chinês não apresenta tempo sintético,¹³ presumo que a alternância de pessoa significa aquisição da concordância no PB, o que levaria a preenchimento do pronome se PB está deixando de ter sujeito nulo referencial, isto é, concordância pronominal. Todos os quatro casos apresentam sujeito pronominal pleno, o que leva a crer que ele já está na gramática do PB.

A quinta gravação, que apresenta nove casos de respostas curtas, vem confirmar que Johnny já está usando a gramática do PB. A mudança de

¹³ Kato: (comunicação pessoal)

pessoa gramatical foi verificada em sete de nove respostas curtas, sendo que cinco delas aparecem com pronome preenchido e apenas duas apresentam sujeito nulo. Foi encontrado apenas um caso de extração, e um de resposta formular.

Finalmente, a sexta gravação apresenta seis ocorrências de respostas curtas. Uma é do tipo formular, duas de extração e três apresentam alternância de pessoa. Destas, duas exibem sujeito foneticamente realizado e apenas uma, o sujeito nulo.

Se excluirmos as respostas curtas do tipo formular dos dados analisados, teremos o seguinte: Johnny usou, em suas respostas, a mesma forma verbal da pergunta em dezesseis ocorrências. Destas, dez apresentaram sujeito nulo e seis, sujeito preenchido. Ele mostrou alternância de pessoa em vinte e uma respostas, sendo que catorze exibiam sujeito preenchido e apenas sete apresentaram sujeito vazio.

5 Discussão dos dados

Passo, agora, à discussão da análise dos dados de Johnny, tentando responder às questões feitas inicialmente nesse estudo:

a) Qual o papel da L2 de Johnny (o inglês) no processo de aquisição do PB? Mais especificamente, há algum tipo de interferência do inglês para a aquisição do PB no que se refere ao parâmetro pro-drop?

b) Qual o papel da L1 (o chinês) na aquisição do PB como L2? Existe transferência do chinês para o PB? Em outros termos, o estado inicial de aquisição do PB, como L2, por Johnny deve ser considerado como o estado final de sua L1? Ou a GU seria o estado inicial para a aquisição do PB?

5.1 O papel de L2 no processo de aquisição de L3 em Johnny

Com relação à L2 de Johnny (o inglês), sugeri, no primeiro capítulo, que se fosse constatado o preenchimento obrigatório do sujeito pronominal nas orações com tempo finito nas produções de Johnny, poderíamos considerar o inglês como a língua em que ele estaria se baseando para a aquisição do PB. Em outras palavras, poderíamos sugerir que Johnny estaria transferindo para o PB o valor do parâmetro do inglês (o inglês é uma língua de sujeito não nulo). Isso, entretanto, parece não ocorrer, pelo menos no que se refere ao fenômeno sintático que estou analisando.

A partir da análise das respostas curtas encontradas nos dados de Johnny, tentei mostrar que, ao contrário do que advogam Schwartz e Sprouse (1996) (cf.seção 2.2), a presença de sujeito pronominal nulo nos dados

aqui analisados constitui contra evidência para a hipótese da transferência de categorias funcionais de L2 para L3.

Os dados de Johnny mostram evidências de que na gramática do PB em aquisição encontram-se tanto sujeitos nulos quanto sujeitos pronominais plenos, no contexto de respostas a perguntas *sim/não*. Foi comum na sua fala, numa mesma sessão de gravação, e até mesmo numa mesma fala, a presença do sujeito nulo e do sujeito pleno, como pode ser observado nos exemplos abaixo.

(72) A: O que você gostaria de fazer nas suas férias? Você gostaria de passear, viajar?

J: **cv** Gosto. **Eu** gosto. (2ª gravação)

(73) A: Você foi pro Serra Folia?

J: **cv** Fui. (3ª gravação)

(74) A: Tem alguma história interessante lá do colégio que você queira me contar?

J: **Eu** quero. (2ª gravação)

Os exemplos acima indicam que Johnny não está tomando como base, para a aquisição do PB, o parâmetro do inglês já que essa língua não permite sujeitos nulos.

Retomando Kato e Tarallo (1992), vimos que o inglês não tem movimento V-para-I, o que impede o verbo principal de aparecer em respostas curtas. Somente auxiliares e modais têm esse movimento, donde só eles poderem aparecer. Se o inglês estivesse na base da aquisição do PB, poderíamos esperar que apenas auxiliares aparecessem nas respostas. Mas não é o que

acontece, como se vê nos exemplos acima. Além disso, quando aparece o auxiliar na pergunta, nem sempre ele é usado na resposta como se vê no exemplo (75):

(75) A: Ela tá gostando da família?

J: *cv* Gosta. Ela falou *cv* gosta. (6ª gravação)

Logo, em pelo menos dois parâmetros, o do sujeito nulo e o do movimento do verbo, Johnny não apresenta sinais de estar usando a gramática do inglês, sua segunda língua.

5.2. O papel da GU e da L1 na aquisição de Johnny

Para tentar responder à segunda pergunta, estou assumindo, seguindo Kato (no prelo), a hipótese de que o *pro-drop* chinês, L1 de Johnny é o valor “default” da GU. Portanto, no caso dele, GU e L1 se confundem.

Se a hipótese for confirmada, Johnny deverá, inicialmente, apresentar sujeito nulo para as três pessoas do discurso e concordância unipessoal, conforme proposta de Kato (no prelo), o que implicará dizer que, nesse caso específico, não se pode decidir se o aprendiz está utilizando a GU em sua opção “default”, ou sua L1, já que assumi que o *pro-drop* do chinês é o próprio “default”. Só posteriormente, com base nos dados do *input*, Johnny remarcará o parâmetro para o *pro-drop* do PB e, conseqüentemente, passará a exibir concordância para mais de uma pessoa gramatical.

Retomando os resultados da análise feita no item 4.1, fica claro que Johnny começa a adquirir o PB a partir da marcação “default” do chinês.

O uso do nulo com a forma indistinta de terceira pessoa não-marcada usada para a primeira pessoa do discurso, repetido, aqui, em (76) mostra não só que Johnny começa com uma gramática unipessoal, como também que a ela ele recorre quando não dispõe da morfologia de algum verbo novo.

(76)a. A: E televisão? O que você assiste na televisão?

J: Eh... *cv* assiste televisão eh... Domingo. (2ª gravação)

b. Quando eu viajar, quando eu fui viajar, todo dia *cv* sai festa e aí, muito cansado, na Ano Novo eu fui dormir. (3ª gravação)

c. Mas eu só foi eh... Barra, *cv* fica em Barra e aí.. (4ª gravação)

d. (...) mas quando eu sai com meu amigo, *cv* pode fazer muito brincadeira maluco. (5ª gravação)

A partir de uma comparação entre o inglês e o português europeu, no que se refere ao uso do pronome sujeito e pronome objeto, Cyrino, Duarte e Kato¹⁴ mostram que a referencialidade tem grande relevância no que concerne à pronominalização lexical ou nula nas línguas.

Com relação ao pronome sujeito, as autoras mostraram que uma língua não-*pro-drop* como o inglês exibe sujeito pleno para qualquer antecedente, enquanto que uma língua *pro-drop*, como o português europeu, pode ter sujeito pronominal nulo ou pleno, exceto quando o sujeito é ligado a um NP quantificado não-específico. Nesse caso o pronome é necessariamente nulo. Quanto ao pronome objeto, as autoras mostram que objetos pronominais com antecedentes referenciais são sempre preenchidos em ambas as línguas e podem ser nulos quando se

¹⁴ VISIBLE SUBJECTS AND INVISIBLE CLITICS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: Artigo apresentado no XXV NWAVE, Las Vegas, 1996.

referem a constituintes mais baixos na hierarquia de referencialidade como a) humanos arbitrários, b) quando são ligados a um elemento QU ou a uma variável, ou c) quando têm um predicado ou uma proposição como antecedente.

Propõem que o *status* referencial do antecedente é o fator que vai determinar, numa língua que tem a opção de deixar vazia a posição de sujeito e objeto, o uso da forma plena ou nula.

Para as autoras, a hierarquia referencial tem os argumentos [+N +humano] na posição mais alta na hierarquia, e os não-argumentos na posição mais baixa. Com relação aos pronomes, o falante (eu) e o ouvinte (você), por serem inerentemente humanos, ocupam a posição mais alta na escala hierárquica, e a terceira pessoa que se refere a uma proposição ocupa a posição mais baixa, com a entidade [-animada] ocupando a posição intermediária. Além disso, esses traços inerentes interagem ainda com o traço [\pm específico] do DP de que o N faz parte.

A análise das mudanças que ocorreram no PB, com relação ao preenchimento do sujeito e esvaziamento do objeto, vem confirmar a hipótese das autoras de que a hierarquia da referencialidade é responsável pela lexicalização dos traços do pronome sujeito e do esvaziamento do objeto. Elas constataram que os itens menos referenciais foram os primeiros a se tornarem foneticamente nulos quando objetos, e os itens mais referenciais foram os primeiros a se tornarem foneticamente realizados quando sujeitos.

Ainda outros tipos de sujeitos nulos encontrados nos dados de Johnny dizem respeito ao sujeito nulo de interpretação indefinida (77 a 79) e ao sujeito nulo expletivo (80 a 83). Esses exemplos constituem, mais uma

vez, contra-evidência para a hipótese de transferência, uma vez que nesses mesmos contextos a posição de sujeito tem que ser preenchida em inglês.

(77) In Hong Kong **cv** fala cantonesa, mas in Pequim **cv** fala Tudo é chinês. **cv** Escreve igual mas **cv** fala diferente. (1ª gravação)

(78) Chinês tem muito language diferente mas **cv** escreve tudo igual (2ª gravação)

(79) Como **cv** fala adult in português? (1ª gravação)

(80) Porque em chinês **cv** não tem is. (1ª gravação)

(81) Aqui **cv** tem foto de Japão. (1ª gravação)

(82) In chinês **cv** não tem future tense. (2ª gravação)

(83) Na Bahia **cv** tem muito festa. (4ª gravação)

Supondo que o nulo do chinês seja o próprio “default”¹⁵, não posso responder se o sujeito nulo apresentado por Johnny é o nulo do chinês, sua língua nativa, ou se Johnny está utilizando a GU da mesma forma que

¹⁵ Para Hyams (1983), no caso do parâmetro pro-drop, o sujeito nulo é o valor não-marcado. Segundo Hyams (1989) “*the early grammar of English (and all other languages) is a null subject (henceforth, NS) grammar, this representing the ‘initial’ setting along the NS parameter*”(op.cit.:216). Assim, os estágios iniciais na aquisição de inglês (e outras línguas), como primeira língua, são caracterizados pelo uso predominante de sentenças que não exibem sujeito foneticamente realizado. Lembremos, porém, que o sujeito nulo de Hyams é o do italiano, língua rica em morfologia. A idéia do nulo chinês como “default” é intuitivamente mais interessante, pois a morfologia marcada do italiano é de aprendizagem mais custosa.

uma criança quando da aquisição de sua língua nativa, ou seja, começando com o parâmetro *pro-drop* no valor não-marcado.

Segundo Kato (no prelo), a criança, em fase inicial de aquisição de língua materna usa nomes próprios para as três pessoas do discurso, em vez de usar pronomes pessoais. Como os nomes próprios são todos terceira pessoa do singular, se a criança usa a mesma forma gramatical de terceira pessoa não-marcada para todos os referentes do discurso, ela tem uma gramática “default” com apenas a terceira pessoa.

Considerando o fato de que, ao contrário de uma criança em fase inicial de aquisição, Johnny não utiliza nomes próprios para se referir às pessoas do discurso, mas os pronomes pessoais, poderíamos presumir que, no processo de aquisição do PB, ele está partindo da sua L1. Por outro lado, observando o seu comportamento com relação às respostas curtas, talvez pudéssemos sugerir que ele estaria utilizando a GU, já que segue uma caminho semelhante ao de uma criança adquirindo o PB como língua materna. Johnny começa respondendo às perguntas *sim/não* através da extração de um segmento contido na pergunta como em (84-85), em seguida, ele passa a usar a forma de terceira pessoa não-marcada em suas respostas como mostrado em (86 a 89), e, finalmente ele passa a mostrar alternância de pessoa como em (90 a 92), o que mostra que ele já está chegando à concordância do PB.

(84) A: Mas se você falar chinês em qualquer lugar da china eles vão entender você?

J: cv Entender. (1ª gravação)

(85) A: Eu quero voltar a conversar com você dentro de dez, quinze dias, tá certo?

J: Ah... eu quero. (1ª gravação)

(86) A: Ele corre? (referindo-me ao pai)

J: **Ele** corre. (2ª gravação)

(87) A: E se um amigo for te buscar, ele deixa você sair?

J: Hum, hum.

A: Deixa?

J: **cv** Deixa. (2ª gravação)

(88) A: Você trouxe? (música de Hong Kong)

J: **cv** Trouxe. (2ª gravação)

(89) A: Você não vai muito ao cinema?

J: Eh... eu, eu vai muito. (2ª gravação)

(90) A: Você gostou da praia?

J: Eu gostei. (3ª gravação)

(91) A: Você não foi ontem pro carnaval?

J: Eu não fui. (4ª gravação)

(92) A: Conhece Bel?

J: Ah... Eu conheço. (5ª gravação)

O fato de Johnny usar pronomes pessoais com a terceira pessoa não-marcada, diferentemente da criança adquirindo o PB como L1, que só passa a usar os pronomes pessoais quando apresenta alternância de pessoa gramatical, vem confirmar a hipótese de Kato (no prelo) de que, no

japonês, e acrescentamos possivelmente também no chinês, os pronomes são forma de tratamento e por isso licenciam concordância unipessoal.

Com base no que foi apresentado até aqui, a respeito da gramática inicial de Johnny no processo de aquisição do PB como segunda língua, propus que ele inicia esse processo com a opção “default” que neste caso específico é igual a sua L1. Seria necessário, todavia, estudar um falante com uma língua distinta do “default”, para que se pudesse afirmar que ele estaria utilizando o “default” e não a sua L1.

5.3 Do chinês para o PB

Nesta seção analisarei como Johnny passa do chinês para o PB. Lembremos que o PB não é uma língua de sujeito nulo do mesmo tipo do italiano. Segundo Duarte (1995), enquanto em línguas de sujeito nulo do tipo do italiano a ocorrência do sujeito nulo é obrigatória toda vez que ele for licenciado e identificado, como por exemplo em estruturas com sujeitos correferentes, no PB, embora possa ser encontrado um percentual expressivo de sujeitos nulos, estes não se encontram em distribuição complementar como no caso do italiano, espanhol, e português europeu, mas como uma opção que se realiza cada vez menos.

Examinando a fala espontânea de falantes com formação universitária e a fala veiculada pela mídia, Duarte (1995), não encontrou um único contexto de sujeito nulo obrigatório. Até mesmo em contexto de sujeito nulo obrigatório com referentes com o traço [-animado] foi verificado que há uma preferência pelo sujeito pronominal pleno.

A pesquisa da autora evidencia que, além de baixos (apenas 29%), os percentuais de nulos são maiores na terceira pessoa, seguida da primeira e segunda pessoas.

Contextos que favorecem a presença do sujeito pronominal lexical¹⁶:

a) A presença de material em Spec CP

- nas orações relativas

(93) Talvez *cv* tenha sido entrevistado nesse lugar onde **eu** morei.

- nas completivas interrogativas indiretas, mesmo quando coordenadas entre si

(94) Eu não me lembro mais o que que **nós** plantamos.

(95) Eu não sei há quanto tempo **eu** moro lá.

- nas interrogativas diretas

(96) Mas aí o que que **você** vai fazer?

b) Material em C⁰

- nas adjuntas antepostas

(97) E quando *cv* saltamos , Arnaldo tomou um taxi.

¹⁶ Exemplos extraído de Duarte (1995)

As principais, as adjuntas pospostas, e as completivas, pelo fato de os seus sujeitos poderem correferir com o sujeito da oração anterior, apresentam um alto índice de sujeitos nulos. O mesmo ocorre com as orações principais antepostas e as independentes. A terceira pessoa, tanto nas independentes quanto nas encaixadas, também se apresentam como contexto de sujeito nulo.

c) A presença de elementos entre CP e IP

- argumento interno topicalizado

(98) **Ovo eles** agora ‘tão comendo.

- construções de “deslocamento à esquerda” do argumento externo

(99) **Eu**, como entrei no meio do ano, **eu** acabei no meio do ano.

- adjuntos em adjunção a IP

(100) **Na adolescência eu** odiava criança.

5.3.1 Da concordância unipessoal para a concordância bipessoal

Levando em consideração o fato de que o chinês só possui concordância de uma pessoa gramatical para as três pessoas do discurso, ou seja, a forma não marcada de terceira pessoa do singular para todas as pessoas do discurso, conforme Kato (no prelo) e considerando que o PB possui um sistema de concordância diferente daquele do chinês, ao observarmos os exemplos (101), (102) e (103), que apresentam flexão verbal para a

primeira pessoa do singular, poderíamos sugerir que Johnny já está começando a produzir o sujeito nulo da variante do PB que ainda usa sujeito nulo referencial, em especial no contexto de respostas curtas.

(101) A: Você foi pro Serra Folia?

J: **cv** Fui. (3^agravação)

(102) A: Essa é L. Você lembra dela?

J: **cv** Lembro. **cv** Conheço. (3^agravação)

(103) A: Você viu Daniela Mercury?

J: Sim.

A: Gostou dela?

J: **cv** Gostei. (5^agravação)

Assumindo que, ao aprender uma segunda língua o aprendiz tem algum acesso a GU, sugeri, no capítulo 2, que após estar exposto aos dados da L2/3 por algum tempo, o aprendiz vai reestruturar a gramática de sua L2/3, passando a apresentar, de sua língua meta, a flexão verbal para mais de uma pessoa gramatical, passando de um paradigma de formas de tratamento, para um de pronomes pessoais, o que mostra que Johnny, de alguma forma, teria algum acesso a opções presentes na GU.

Os resultados desse estudo parecem confirmar essa hipótese. Os exemplos abaixo mostram que Johnny ainda não adquiriu a concordância do PB, uma vez que ele usa a mesma forma verbal (a forma verbal não-marcada) para as três pessoas do discurso.

(104) **Eu** fala inglês in escola.(1^agravação)

(105) Que escola **você estuda**? (1ª gravação)

(106) **Ela agora estuda** in secondary school. (1ª gravação)

Da mesma forma, não foram consideradas como concordância verbal expressões formulares do tipo *(eu) acho*, *(eu) (não) sei*, bastante recorrentes nos dados. (cf. exemplos abaixo, presentes na 1ª gravação) em particular (108) onde *não sei* aparece como terceira pessoa).

(107) In Hong Kong *eu não sei* falar português.

(108) Avó *não sei* como fala inglês. (“a avó não sabe como falar inglês”)

(109) *Eu acho* só tem dois meses mais.

(110) *Eu acho* não tem problema porque Hong Kong tem muito escola.

Nos dados da primeira gravação (3;25 de exposição ao PB), de um total de trinta ocorrências com verbo, foram atestadas sete ocorrências que apresentam marcas de concordância:

(111) Meu amigo fala... falei? Não ... não... não. *Falou*: “Por que seu nome in chinês é família nome in front of seu nome?” *Eu falei*: “Isso é porque chinês é diferente de português, inglês, tudo language.”

(112) **Eu não lembro** ela or ele nome porque chinês nome é diferente de aqui.

(113) Mas **eu gostei** música. Mas outros channels tem menos música.

(114) China, diferente. **Eu esqueci.**

Na segunda gravação (4;15) foram constatados dezenove casos de concordância, de um total de setenta e nove, todos na primeira pessoa do singular. Das dezenove formas verbais oito encontram-se no pretérito perfeito, e dez, no presente do indicativo.

(115) A: Como vocês dançam lá em H.K.? É diferente do Brasil?

J: Diferente. Eu vai... **eu vou** disco, eh... quando **eu in Domingo** eh.. **vou** eh... na meu amigos beber.

(116) A: O que os meninos estão fazendo aqui? (olhando uma revista)

J: Eh... fazer football... joga football. **Eu gosto**, mas eu joga muito mal.

(117) J: Mas **eu quero** estuda in de manhã. De manhã é melhor.

(118) A: Eu só conheço o Shopping Center Iguatemi. Conhece?

J: **Eu só fui** Lapa and Barra.

(119) A: Você já foi ao cinema aqui?

J: Ah já. **Eu assisti** a filme, nome in american é Speed Two . Muito bom.

(120) J: Eu tem muito amigo and amiga... eh... tudo fala muito the história de Salvador and Brasil and eles gostou música... eu também. And **eu** muito gostou meu.... muito **gostei** meu colega and amigo.

Examinando os dados da terceira gravação (6;08), encontrei quarenta e dois casos em que os verbos encontram-se flexionados de acordo com o PB. Esses quarenta e dois casos de concordância verbal correspondem, em termos de porcentagem, a 70% dos verbos com tempo finito. Esse resultado é devido ao fato de que a terceira gravação aconteceu dois meses depois da segunda. O intervalo entre a primeira e a segunda foi de apenas quinze dias. Tendo Johnny viajado durante as férias escolares, só pude retomar as gravações na sua volta, ou seja, dois meses depois.

(121) A: Para onde você viajou no Natal?

J: **Eu fui** Pernambuco e Paraíba.

(122) A: Você gostou da Praia?

J: **Eu gostei**, mas praia de Recife é melhor.

(123) A: Vai brincar em algum bloco?

J: Não. Porque quando **eu vou** bloco, só um bloco. Mas **eu não vou** bloco, *posso* vou tudo bloco.

(124) A: O que você acha das bandas daqui de Salvador?

J: **Eu gosto** muito de axé.

(125) A: Você vai voltar pro Brasil?

J: **Eu vou** voltar, mas talvez sete anos depois, porque primeiro, muito longe. Segundo, **eu vou** estuda na Hong Kong.

(126) A: Você vai pra universidade no ano que vem?

J: **Eu vou**.

(127) J: Quando *eu fui* viajar, tudo dias é festas, e aí muito cansado na Ano Novo, *eu fui* dormir.

(128) J: **Eles são** muito preguiçoso. Não gosto de sair. Só isso.

Quanto à amostra que corresponde à quarta gravação (6;23), um fato curioso chamou minha atenção. A porcentagem de verbos flexionados caiu de 70% (índice verificado no amostra anterior) para 40%. Ou seja, apenas dezessete, de um total de quarenta e três sentenças com verbo no tempo finito, apresentaram concordância verbal. Talvez esta queda possa ser atribuída ao fato de que Johnny ao voltar das férias (fase em que conviveu com pessoas que só falavam português) voltou a se comunicar em inglês com as pessoas da sua família brasileira, como demonstro nos exemplos a seguir:

(129) A: Você gostou da festa?

J: **Eu gostei.**

(130) A: Vai sair só na pipoca?

J: Sim, porque *eu quero* conhecer todo bloco.

(131) A: Você sabe dirigir?

J: Hum. **Eu não posso. Eu não posso.** Intercâmbio, não *posso*.

(132) J: Lá na Hong Kong... eh... tem festa... eh... *eu posso* brincar tudo a noite, sem problema.

(133) J: Na Hong Kong *eu posso* sair todo dias.

(134) J: **Eu não conheço** Salvador muito.

(135) A: E durante a semana, o que você fica fazendo em casa?

J: Hum... sim.... só *fica* em casa, eh... televisão, eh... fita de filmes, só isso.

(136) J: **Eu** só *entende* English aula and mathematics aula.

(137) J: **Eu** *tem* muito amigo na escola mas não *tem* mais pessoa liga pra mim.

(138) A: Você não foi ontem pro carnaval?

J: **Eu** não *foi*.

A partir da quinta gravação (7;08), Johnny passa a apresentar os seguintes resultados com relação aos casos de flexão verbal: 56% dos verbos apresentam concordância verbal nos dados da quinta gravação; esse percentual sobe para 65% na sexta (8;18) e atinge a marca de 75% na sétima e última gravação (9;25).

5.4 Considerações finais

Esse trabalho teve como objetivo responder às questões sobre a aquisição de PB como segunda língua, por um adulto falante do chinês. As questões que procurei responder dizem respeito ao processo utilizado pelo sujeito dessa pesquisa, para chegar ao PB. Assim para saber se Johnny estaria utilizando a sua experiência do chinês (sua língua nativa), do inglês (sua segunda língua), ou se ele estaria se comportando como um aprendiz de L1, a fala de Johnny foi analisada à luz do Parâmetro do Sujeito Nulo.

Há, nos dados, uma primeira fase cuja característica principal é a presença da forma verbal de terceira pessoa., o que indica que Johnny ao adquirir o PB como L2 está seguindo um caminho semelhante àquele percorrido pela criança quando da aquisição de uma língua materna, ou seja, vai usar, inicialmente, o nulo “default”, isto é, com a forma gramatical de terceira pessoa para referir-se a si próprio, à segunda pessoa e à terceira pessoa, exceto com verbos de alta recorrência formular.

A segunda fase da aquisição da concordância é aquela em que Johnny começa a apresentar um sistema flexional de concordância, em que estando o NP-sujeito na primeira pessoa, o verbo também é flexionado na primeira pessoa. A partir de então podem ser observadas formas gramaticais diferentes para a primeira e terceira pessoas do discurso na fala de Johnny, o que sugere que ele está adquirindo a concordância do PB, já que o chinês, sua língua nativa, apresenta concordância apenas para uma pessoa gramatical.

Retomando os resultados da nossa análise em 4.1, posso dizer que o nulo sem pessoa marcada é o do chinês, e o nulo com pessoa marcada é do PB. Há, porém, momentos em que Johnny parece fazer uso tanto do chinês quanto do PB. Contudo, não se pode dizer que ele tem uma língua-I mista. O que ele faz é um “code-switching” gramatical de uma língua para outra, um fenômeno de uso. Enquanto Johnny não sabe a morfologia própria daquela pessoa para aquele verbo, ele vai usando a velha gramática. Mas ele mostra saber que é preciso modificar a flexão, como podemos ver em (139) e (140):

(139) Meu amigo **fala... fala... falei?** Não... não... **falou:** “Por que seu nome in chinês... eh... nome de família in front of seu nome?” **Eu falei:**

“Isso é porque chinês diferente de português, inglês, tudo language.” (1ª gravação)

(140) Eu tem muito amigo and amiga... eh.... tudo eh... fala muito eh.... the história de Salvador and Brasil, and eles gostou música, eu também and **eu** muito **gostou** meu... muito **gostei** meu colega and amigo, amiga.

Enfim, embora Johnny use a velha estratégia, sua gramática do PB já tem os traços formais deste.

6 Abstract

This study analyses the initial stages of the acquisition of Brazilian Portuguese as a second language (BPL2) by a Chinese-speaking adult, who also speaks English. The syntactic phenomenon adopted for the carrying on of this study was the Null Subject Parameter. There was an attempt to answer the following questions: Is there any type of interference of English on the acquisition of BP, as far as the pro-drop parameter is concerned? Is there any “transfer” from Chinese into BP? That is, should the initial stage of the acquisition of BPL2 by Johnny be considered as the final stage of his L1? Or would UG be the initial stage towards the acquisition of BP? Supposing that null subject defines at least two sub-types of languages, the one where the subject is identified by agreement and the one where the subject is identified by the topic, we hypothesized that the subject of this research will present null subject with a one-person agreement, as in Chinese, and, only later, based upon input data, he will set the parameter for the pro-drop of Brazilian Portuguese. The data analysis shows a first stage in which the null subject only appears as a verb subject of a non-marked third person, with reference to the first, second and third persons, and a second stage which makes evident the presence of the null subject of a verb marked in the first person. It was verified that Johnny is not considering English as the basis for the acquisition of BP, since English does not allow for null subjects. As for the second issue, we concluded that one can not decide whether the learner is utilizing the UG as a default option, or his L1 (Chinese), since we have assumed that the Chinese pro-drop is the very default.

Key Words

1- Second Language Acquisition

2- Principles and Parameters

3- Null Subject

4- Agreement

7 Referências Bibliográficas

- BLEY-Vroman, R. (1989) "*What is the logical problem of foreign language learning?*". In: GASS, Suzan M. & SCHATER, Jacquelyn (eds) **Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition**. Cambridge University Press.
- BORER and K. Wexler. (1987) "*The maturation of syntax*". In: ROEPER, T. and WILLIAMS, E. (eds) **Parameter Setting**. Dordrecht: Reidel Publishing.
- CALABRESE, A. (1986). "*Pronomina: some properties of the italian pronominal system*". In: FUKUI, N., RAPOPORT, T. & SAGEY, E. (eds.) **MIT Working Papers in Linguistics**, (8):1-46.
- CHOMSKY, N. (1981). "*Principles and Parameters in syntactic theory*". In: HORNSTEIN, N., and LIGHFOOT, D., (eds)., **Explanations in Linguistics**. New York: Longman.
- _____. (1982). **Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding**. Cambridge: MIT Press.
- _____. (1986). **Knowledge of Language: its nature, origin and use**. New York: Praeger.
- CYRINO, S. M. L. (1986) *The Pro-drop Parameter and Second Language Acquisition*. Tese de mestrado, Universidade de Iowa, EUA.

- _____. (1994) **Aquisição de Língua Estrangeira e Gramática Universal – gramática núcleo vs periférica e o problema da integralização na aquisição.** Universidade Estadual de Londrina. (mimeo)
- DUARTE, M. Eugênia L. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I. R & KATO, M.A (orgs) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica.** Campinas. Ed. da UNICAMP. 107-128.
- DUARTE, M. Eugênia L. (1995) **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro.** UNICAMP: Tese de doutorado.
- DULAY, HC. E BURT. M.K.(1974). “*Natural sequences in child second language acquisition*”. **Language Learning**, 24, 1, 37-53.
- DULAY, H.; BURT, M.; KRASHEN, S. (1982). **Language two.** New York: Oxford University Press.
- FELIX, S. (1987). **Cognition and Language Growth.** Dordrecht: Foris.
- FERNANDES SORIANO, Olga. (1989). “*Strong Pronouns*”. in **Null Subject Languages and The Avoid Pronoun Principle.** MIT Working Papers in Linguistics, 11: 228-239.
- FIGUEIREDO SILVA, M. Cristina (1996). **A Posição Sujeito no Português Brasileiro: frases finitas e infinitivas.** Campinas: Editora da UNICAMP.
- FLYNN, S. (1987). **A parameter setting model of L2 acquisition.** Dordrecht: Reidel Publishing.

- GUILFOYLE, Eithne & NOONAN, Marie (1988). **Functional Categories and Language Acquisition**. Paper presented to Boston University Conference On Language Acquisition .
- HORSTEIN, N. & LIGHTFOOT, D. 1981 (eds) **Explanation in Linguistics** London: Longman.
- HUANG, C.T. James. (1984) "*On the distribution and reference of the empty categories*". In: **Linguistic Inquiry**, (15): 531-574.
- _____. (1989). "*Pro-Drop in Chinese: A Generalized Control Theory*". In: JAEGGLI, O. & SAFIR, K. (eds) **The Null Subject Parameter**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- HYAMS, N. (1986) **Language Acquisition and the Theory of Parameters**. Dordrecht: Foris.
- _____. (1987) "*The Theory of Parameters and Syntactic Development*". In: ROEPER, T. and WILLIAMS, E. (eds.) **Parameter Setting**. Dordrecht: Reidel Publishing.
- _____. (1989) "*The Null Subject Parameter in Language Acquisition*". In JAEGGLI, O & SAFIR, K.(eds.) **The Null Subject Parameter**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- JAEGGLI, O. & SAFIR, K. J. (1989). The Null Subject Parameter and Parametric Theory. In: **The Null Subject Parameter**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- KATO, Mary A. & TARALLO, Fernando. (1992) "*Sim: respondendo afirmativamente em português*". In: M. Sofia Z. de Paschoal & M.

Antonieta A. Celani (orgs) **Lingüística Aplicada: da aplicação da lingüística transdisciplinar**. São Paulo: EDUC.

KATO, Mary A. (no prelo). **Strong and Weak pronominals in the Null Subject Parameter**.

_____. (1995a) "*Raízes não finitas na criança e a construção do sujeito*". In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, (29): 119-136.

_____. (1995b) "*Sintaxe e aquisição na Teoria de Princípios e Parâmetros*". In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre. 30 (4): 57-73.

KRAMER, I (1993) **The licensing of subjects in early child language**. University of Amsterdam.

LIGHTFOOT, D. (1982) **The Language Lothery: Towards a Biology of Grammars**. Cambridge, Mass: MIT Press.

OLIVEIRA, Marilza de. (1996) **Respostas Assertivas e sua Variação nas Línguas Românicas: seu Papel na Aquisição**. Tese de Doutorado, Unicamp.

PHINNEY, M. (1987). "*The pro-drop parameter in second language acquisition*". In: ROEPER, T; WILLIAMS, E. **Parameter setting**. Dordrecht: Reidel Publishing.

RADFORD, A. (1990) **Syntactic Theory and the Acquisition of English Syntax: The nature of early child grammars of English**. Cambridge: Basil Blackwell.

- RAPOSO, E. (1992). **Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem**. Lisboa: Caminho.
- ROBERTS, Ian. (1993) "*O português brasileiro no contexto das línguas românicas*". In: I. Roberts & M. A. Kato (orgs) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da UNICAMP. 409-421.
- SCHACHTER, J. (1988) "*Second Language Acquisition and its Relationship to Universal Grammar*". In: **Applied Linguistics** 9 (3): 219-235.
- SCHWARTZ, B. and SPROUSE, P. (1996). "*L2 cognitive states and Full Transfer / Full Access model*". **Second Language Research** 12 (1): 40-72.
- SIGURÐSSON, H. A. (1993) "*Argument-drop in Old icelandic*". **Língua**, 89: 247-280.
- VAINIKKA, A. and YOUNG-SCHOLTEN, M. (1996): "*Gradual development of L2 phrase structure*". In: **Second Language Research**. 12 (1): 7-39.
- WHITE, L. (1985a) "*The Pro-Drop Parameter in Adult Second Language Acquisition*". In: **Language Learning** 35 (1): 47-61.
- _____. (1985b) "*Is there a 'logical problem' of second language acquisition?*" In: **TESL Canada Journal/Revue TESL du Canada** 2 (2): 29-41.

ZHANG, Shi (1988) "*Argument Drop and Pro*". In: **Proceedings of the Seventh West Coast Conference on Formal Linguistics.**

Índice Remissivo

- adulto falante do chinês, 8, 113
- ambiente lingüístico, 12, 19
- Análise Contrastiva, 25, 26
- aquisição da linguagem, 10, 11, 20
- aquisição de primeira língua, 10, 12, 25, 35
- Aquisição de Segunda Língua, 6, 9, 25
- aquisição do português brasileiro, 8
- aquisição do PB*, 8, 14, 17, 40, 97, 98, 103, 105
- categorias funcionais, 22, 23, 24, 25, 32, 98
- Chomsky, 10, 19, 28, 29, 41
- competência gramatical, 21
- comutadores lingüísticos, 10
- concordância unipessoal, 7, 8, 17, 99, 105, 107
- conhecimento prévio, 10, 25, 30, 34
- dados lingüísticos primários, 20
- equipotencialidade, 30
- estágio léxico-temático, 23
- expletivos lexicais, 12
- falante bilíngüe, 14, 16
- fossilização, 30
- gramática, 10, 13, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 31, 35, 37, 39, 95, 98, 99, 100, 103, 105, 108, 114, 115, 119
- GU*, 6, 8, 10, 12, 14, 17, 19, 21, 22, 28, 29, 30, 32, 35, 36, 37, 39, 97, 99, 102, 103, 108
- hipótese da continuidade, 21, 22
- Hipótese de Marcação de Parâmetros, 37
- Hipótese do Período Crítico (HPC), 25
- Hipótese do Truncamento, 23
- hipótese Full Transfer/Full Access, 31
- hipótese maturacional, 21, 22
- input*, 8, 10, 17, 18, 32, 34, 35, 39, 99, 116
- integralização (completeness), 29
- língua, 4, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 41, 42, 44, 45, 46, 48, 50, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 77, 81, 82, 83, 84, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 108, 113, 114

- línguas humanas, 19, 20
- NP com conteúdo fonético, 20
- NP pronominal, 20
- Dispositivo de Aquisição de Língua, 29
- opção default, 8, 17, 22, 99, 105
- Parâmetro do Sujeito Nulo, 6, 8, 13, 19, 41, 48, 113
- primeira língua (L1), 12
- Princípios e Parâmetros, 9, 11, 28, 39, 41, 121
- princípios universais, 10, 19, 20, 28, 31
- pro-drop*, 8, 11, 12, 14, 16, 17, 20, 22, 36, 40, 41, 45, 46, 50, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 97, 99, 100, 102, 103, 116
- segunda língua, 8
- segunda língua (L2), 12, 25
- sistema flexional rico, 42
- sistemas de categorias lexicais, 23
- sujeito nulo, 8, 12, 13, 14, 16, 17, 22, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 69, 71, 74, 77, 79, 81, 84, 85, 94, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 105, 107, 108
- sujeito pronominal, 14, 20, 41, 62, 63, 95, 97, 100, 105, 106
- sujeitos nulos, 8, 42, 44, 58, 59, 60, 62, 64, 65, 67, 74, 76, 98, 101, 105, 107
- sujeitos nulos referenciais, 42, 60
- Teoria do Caso, 52
- teoria gerativista, 10
- Teoria X', 34
- topic-drop* e *pro*, 43
- transferência*, 8, 13, 17, 26, 28, 34, 35, 36, 37, 39, 97, 98, 102